

# Índice



<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>2</b>
<b>QUEM SÃO OS JOVENS PAULISTANOS?</b>	<b>5</b>
• Construindo as Zonas Homogêneas	<b>5</b>
• Caracterização dos jovens entrevistados	<b>10</b>
• Inclusão e exclusão dos jovens paulistanos: escola, trabalho e mundo digital	<b>11</b>
• Atividades de lazer e inserção na metrópole	<b>18</b>
• Situação familiar e Aids	<b>24</b>
<b>O JOVEM EM SITUAÇÃO DE EXCLUSÃO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO</b>	<b>28</b>
• Metodologia do Survey do Bolsa Trabalho	<b>28</b>
• Caracterização dos pesquisados	<b>28</b>
• Atividades de lazer de jovens do Programa Bolsa Trabalho e sua inserção na cidade	<b>29</b>
<b>GRUPOS DE JOVENS</b>	<b>35</b>
• Cadastrando os grupos	<b>36</b>
• O que leva os jovens a se organizar?	<b>40</b>
• Composição dos grupos	<b>41</b>
• Como funcionam os grupos	<b>44</b>
• Redes de sociabilidade	<b>47</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
<b>EQUIPE</b>	<b>57</b>

# Apresentação



A elaboração do primeiro Mapa da Juventude de São Paulo teve como objetivo principal identificar e mapear grupos de jovens paulistanos. Para alcançar esse objetivo foi realizado um longo e sinuoso percurso que articulou distintos componentes: o Inquérito Domiciliar, o **Survey** do Bolsa Trabalho, o Levantamento de Equipamentos e Espaços de Lazer e, principalmente, o Cadastramento dos Grupos.

Logo de início, algumas dificuldades conceituais se apresentaram, na necessidade de definir o que é ser jovem e qual o significado das noções de lazer e de grupo presentes na pesquisa. Na verdade, estes três conceitos – o de jovem, o de grupo e o de lazer – transformaram a dúvida inicial numa rica possibilidade de descobertas. À medida que a pesquisa se desenrolava, os primeiros dados passaram a indicar a inexistência de conceitos únicos, revelando seus diferentes significados em função da complexa realidade que se apresentava.

“Está claro que definir o que é jovem é difícil. Falar da 'juventude brasileira', no singular, é muito vago; por outro lado, se subdividir a juventude em diversos segmentos, corre-se o risco de cair numa pulverização infinita de grupos.”<sup>1</sup>

E, afinal, não se estava diante de uma juventude abstrata, e sim de um pouco mais de 2 milhões de jovens que vivem e constroem seu futuro e suas expectativas na maior cidade brasileira. São Paulo é hoje a grande metrópole brasileira, aquela que se insere no circuito mundial da economia, que adquire o status de metrópole global. No entanto, a inserção de São Paulo neste circuito articulou-se à construção e à consolidação de um modelo econômico e de urbanização concentrador de riquezas, marcado por forte exclusão sócio-espacial.

Estamos diante de um espaço segregado, onde habitam milhares de “cidadãos incompletos”, sem acesso ao conjunto de bens e serviços públicos e, principalmente, ao conjunto da cidade:

“Na grande cidade, há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde o que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda até o que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local (...) Para muitos, a rede urbana existente e a rede de serviços correspondente são apenas reais para os outros. Por isso são cidadãos diminuídos, incompletos (...) Morar na periferia é se condenar duas vezes à pobreza. À pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada

---

<sup>1</sup> CARMO, Paulo Sérgio. “Juventude no singular e no plural”. In: CARMO et al. *As caras da juventude*. São Paulo, Fundação Konrad Adenauer, 2001 (Cadernos Adenauer II, nº6), p.10.

pelo modelo territorial. Este, afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar.”<sup>2</sup>

E como se inserem os jovens dentro dessa realidade? Como criam suas identidades? Como se organizam? Que motivos os levam a se organizar? Que estratégias utilizam? Quais as suas expectativas? Essas foram algumas das tantas perguntas que inspiraram o processo de elaboração da presente pesquisa.

Assim, o primeiro desafio na construção do Mapa da Juventude foi garantir uma metodologia que incorporasse a dimensão sócio-espacial dessa complexa realidade, desta cidade povoada de “cidadãos incompletos”. A superação desse desafio era um dos requisitos para que o Mapa da Juventude mostrasse a grande maioria dos jovens paulistanos, e não apenas aqueles que circulam nos circuitos conhecidos da cidade, nos circuitos dos incluídos. Essa era uma condição fundamental para se cumprir o segundo objetivo na construção deste Mapa: fornecer subsídios para a elaboração de políticas públicas promotoras da equidade.

Para responder a esse desafio foram articuladas, fundamentalmente, duas etapas da pesquisa: o Inquérito Domiciliar e o **Survey** do Bolsa Trabalho.

O Inquérito Domiciliar estruturou-se a partir do desenho e da definição das chamadas Zonas Homogêneas, que articulavam as dimensões tanto da construção dos diferentes espaços na cidade de São Paulo quanto da exclusão social. Garantiu-se, assim, a visibilidade de jovens com diferentes inserções sociais.

A realização desse inquérito acabou sendo uma das etapas mais complexas e ricas na elaboração do Mapa da Juventude. Muito mais do que simplesmente traçar um perfil das atividades de diversão realizadas e/ou desejadas por esses jovens, esse inquérito desenhou o perfil – social, econômico e cultural – da juventude paulistana. Ao possibilitar essa caracterização, a experiência de campo revelou como vivem, o que fazem, como se divertem e, fundamentalmente, como os jovens se incluem na cidade.

Nesse processo foi-se descortinando um sem número de desigualdades: espaciais, de gênero, de cor. Padrões de exclusão social que deixam sua marca nos perfis de escolaridade, inclusão digital e inserção no mundo do trabalho e no doméstico, no lazer e na diversão. Enfim, na vida e na possibilidade de construção do futuro.

O **Survey** do Bolsa Trabalho caminhou na mesma direção, aportando mais informações sobre grupos de jovens das áreas com maior exclusão social da cidade. Para nossa surpresa, muitas das respostas enviadas pelos bolsistas acompanhadas por cartas. Cartas e depoimentos, em todos os tons desde aqueles esperançosos, agradecidos até os amargos, céticos, reivindicativos. Verdadeiras histórias de vida desses jovens.

Por fim, cabe falar da etapa da pesquisa que respondeu mais diretamente ao principal objetivo do Mapa da Juventude de São Paulo: o cadastramento dos Grupos de Jovens Paulistanos.

---

<sup>2</sup> SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*, São Paulo, HUCITEC, 1993, pp. 112-115.

Para esta primeira edição do Mapa da Juventude do Município de São Paulo, foram cadastrados 1.609 grupos, que agregam em sua totalidade 303.592 participantes.

Quais as principais motivações que levam os jovens a se organizar? Qual o grau de formalização desses grupos? Que atividades esses grupos realizam? Quais as suas preocupações? Quais os circuitos utilizados por esses grupos? Essas foram algumas das perguntas respondidas, ainda que inicialmente, durante a construção do Mapa e o cadastramento dos grupos.

Dois aspectos foram privilegiados na análise: as práticas de lazer e a participação em grupos, ambos entendidos como estratégias que expressam profundamente o significado de ser jovem.

O resultado que vem agora a público é fruto do empenho de uma equipe multidisciplinar de pesquisadores que, com suas diferentes perspectivas de enxergar a realidade, permitiu enfrentar o desafio de, num curto espaço de tempo, reconhecer e mapear esse complexo e mutante fenômeno da juventude numa metrópole como a paulista. Para além do resultado concreto, presente nas páginas que se seguem, essa experiência aponta também para a possibilidade de adequar o ritmo e o tempo da pesquisa às exigências impostas pelo ritmo e pelo tempo das políticas públicas.

Enfim, o cadastramento dos grupos mostrou uma juventude atuante, longe da imagem de juventude “alienada”. Jovens reunidos pelos mais distintos motivos: manifestações artísticas, esportes, religião, política e ação social. Jovens que se reúnem para refletir, criticar, discutir problemas sociais e políticos, atuar junto à comunidade. Enfim, jovens mudando a cidade...

# Quem são os jovens paulistanos?



O Inquérito Domiciliar foi uma das principais etapas na construção do Mapa da Juventude de São Paulo. Foram visitados 5.250 domicílios e entrevistados 2.259 jovens entre 15 e 24 anos. O perfil delineado nessa etapa da pesquisa permite vislumbrar o movimento e a riqueza das experiências juvenis, não só no conjunto da cidade, mas também em suas distintas regiões. Evidenciam-se, inúmeras vezes, inserções sociais desiguais entre homens e mulheres, entre negros e brancos, entre jovens das regiões mais incluídas e das mais excluídas socialmente. Enfim, valiosas informações que podem contribuir para a execução de políticas públicas para a juventude paulistana.

## Construindo as Zonas Homogêneas

Para a realização do Inquérito Domiciliar foi necessária a divisão da cidade em regiões, as quais agregavam distritos administrativos com perfis semelhantes do ponto de vista da inserção do jovem. Esse desenho decorreu da necessidade de harmonizar o rigor metodológico na definição da amostra com a desejada agilidade de uma pesquisa que tem como objetivo subsidiar políticas públicas.

A identificação dos distintos perfis dos distritos administrativos baseou-se na construção de um indicador composto, denominado *indicador composto juvenil*. Este foi construído a partir das variáveis elencadas abaixo, apresentando capacidade discriminativa:

- Percentual da população jovem no conjunto do distrito.
- Taxa anual de crescimento populacional do distrito entre 1991 e 2000.
- Percentual de mães adolescentes no total de nascidos vivos.
- Coeficiente de mortalidade por homicídios na faixa etária de 15 a 24 anos.
- Percentual de jovens que não freqüentam escola.
- Coeficiente de viagens por motivo de lazer por distrito.
- Índice de mobilidade da população de 15 a 24 anos.
- Valor do rendimento médio mensal familiar.

Essas variáveis foram escolhidas a partir dos resultados de pesquisas anteriormente realizadas pela Fundação SEADE (Índice de Vulnerabilidade Juvenil), pelo CEDEC (Mapa da Exclusão Social e Mapas de Risco da

Violência) e pela Faculdade de Medicina da USP (Análise do Fluxo da População em Busca de Atenção à Saúde).

Essas variáveis foram analisadas, sendo criado um ranking para cada uma. Todo distrito recebeu uma nota. O melhor distrito recebeu nota 1 naquele item e o pior, nota 0, sendo que as notas dos outros distritos são distribuídas proporcionalmente. Ao final foi apurada uma média ponderada, que levou ao indicador composto. A Tabela 1 apresenta o ranking encontrado para cada distrito da capital. No caso dos distritos com indicador semelhante, o desempate foi efetuado através da posição do distrito no coeficiente de mortalidade por homicídios na faixa etária de 15 a 24 anos.

**Tabela 1**

Indicador Composto Juvenil

Distritos administrativos – Município de São Paulo – 2003

<b>Distrito</b>	<b>Indicador</b>	<b>Distrito</b>	<b>Indicador</b>
Jardim Paulista	0,78	Limão	0,41
Moema	0,77	Aricanduva	0,41
Pinheiros	0,76	Jaguarié	0,39
Itaim Bibi	0,74	Pirituba	0,39
Consolação	0,69	Jabaquara	0,39
Alto de Pinheiros	0,67	Ponte Rasa	0,38
Lapa	0,67	Rio Pequeno	0,38
Perdizes	0,66	Cangaíba	0,36
Vila Mariana	0,65	Sacomã	0,36
Santo Amaro	0,65	Artur Alvim	0,36
Tatuapé	0,64	Tremembé	0,35
Mooca	0,64	Vila Maria	0,35
Saúde	0,61	Vila Andrade	0,33
Barra Funda	0,6	Ermelino Matarazzo	0,33
Sé	0,6	Cidade Líder	0,33
Campo Belo	0,59	Vila Medeiros	0,33
Santa Cecília	0,58	Itaquera	0,32
Morumbi	0,58	São Mateus	0,32
Butantã	0,57	São Miguel Paulista	0,32
Bela Vista	0,57	Raposo Tavares	0,31
República	0,55	Jaçanã	0,31
Vila Guilherme	0,55	Vila Jacuí	0,3
Água Rasa	0,55	Cidade Dutra	0,3
Santana	0,55	Campo Limpo	0,29
Vila Leopoldina	0,55	Parque do Carmo	0,29
Liberdade	0,53	José Bonifácio	0,29
Belém	0,52	Jaraguá	0,28
Pari	0,52	Vila Curuçá	0,28
Carrão	0,52	Sapopemba	0,28
Tucuruvi	0,51	Perus	0,26
Campo Grande	0,51	Jardim São Luís	0,25
Ipiranga	0,51	Marsilac	0,25
Cambuci	0,51	Anhanguera	0,25
Mandaqui	0,5	Itaim Paulista	0,25
Penha	0,5	São Rafael	0,25

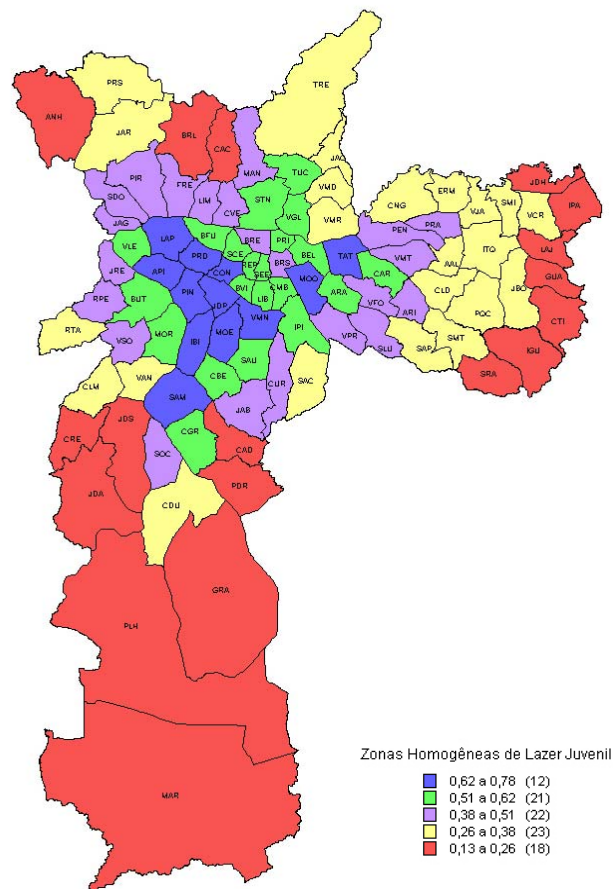
Cursino	0,5	Cachoeirinha	0,25
Brás	0,49	Guaianases	0,25
Vila Matilde	0,48	Lajeado	0,23
Bom Retiro	0,48	Cidade Ademar	0,23
Jaguara	0,47	Jardim Helena	0,22
Vila Prudente	0,47	Capão Redondo	0,22
Vila Sônia	0,46	Pedreira	0,21
Vila Formosa	0,46	Brasilândia	0,21
Socorro	0,46	Iguatemi	0,2
Freguesia do Ó	0,45	Cidade Tiradentes	0,18
Casa Verde	0,45	Jardim Ângela	0,18
São Lucas	0,44	Grajaú	0,14
São Domingos	0,42	Parelheiros	0,13

A partir da definição do indicador composto, os distritos foram agrupados em cinco conglomerados, os quais foram denominados de Zonas Homogêneas (ZH). A ZH 1 é aquela que reúne os distritos com as melhores condições para os jovens e a ZH 5, os piores. O Mapa 1 permite a visualização das cinco zonas homogêneas. Pode-se notar semelhança com o perfil encontrado no Mapa da Exclusão Social, embora no presente estudo tenham sido priorizadas as variáveis relacionadas à juventude.

### Mapa 1

Zonas Homogêneas Juvenis

Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



O passo seguinte foi a delimitação de uma amostra probabilística por conglomerado, sendo unidade de amostragem primária as cinco Zonas Homogêneas, conforme o perfil sócio-econômico dos jovens de 15 a 24 anos de idade.

Em cada uma dessas cinco zonas foram sorteados 70 setores censitários, com probabilidade associada ao número de setores de cada distrito. Assim, os distritos com número maior de setores tinham maior probabilidade de ter seus setores sorteados.

Em seguida, por meio dos mapas dos setores censitários, foram identificadas as quadras a serem sorteadas. Nessa etapa, foram incluídas somente quadras reconhecidamente residenciais, sendo excluídas todas as demais, inclusive quadras pertencentes a áreas industriais, comerciais etc.

Em cada unidade de amostragem secundária (setor censitário) foram selecionadas aleatoriamente duas quadras residenciais, sendo a primeira empregada para a coleta dos dados e a segunda considerada unidade de substituição para casos onde não foi possível a abordagem da primeira quadra.

Em cada quadra foram visitadas 15 unidades consideradas domicílios, com o objetivo de identificar jovens na faixa etária de interesse.

O tamanho da amostra foi determinado considerando-se a proporção estimada do evento de interesse igual a 50%, margem de erro de 5% e nível de significância das estimativas a serem obtidas correspondente a 95%. Ao valor do tamanho da amostra foi aplicada uma taxa de perda de 9,4% e um efeito de desenho da amostra igual a 2. Os setores censitários sorteados podem ser vistos no Mapa 2.

Os jovens identificados foram entrevistados por pesquisadores previamente treinados. Antes, no entanto, foram esclarecidos sobre a pesquisa, recebendo uma carta da Coordenadoria Especial da Juventude da PMSP.

O questionário foi elaborado contemplando os seguintes eixos temáticos:

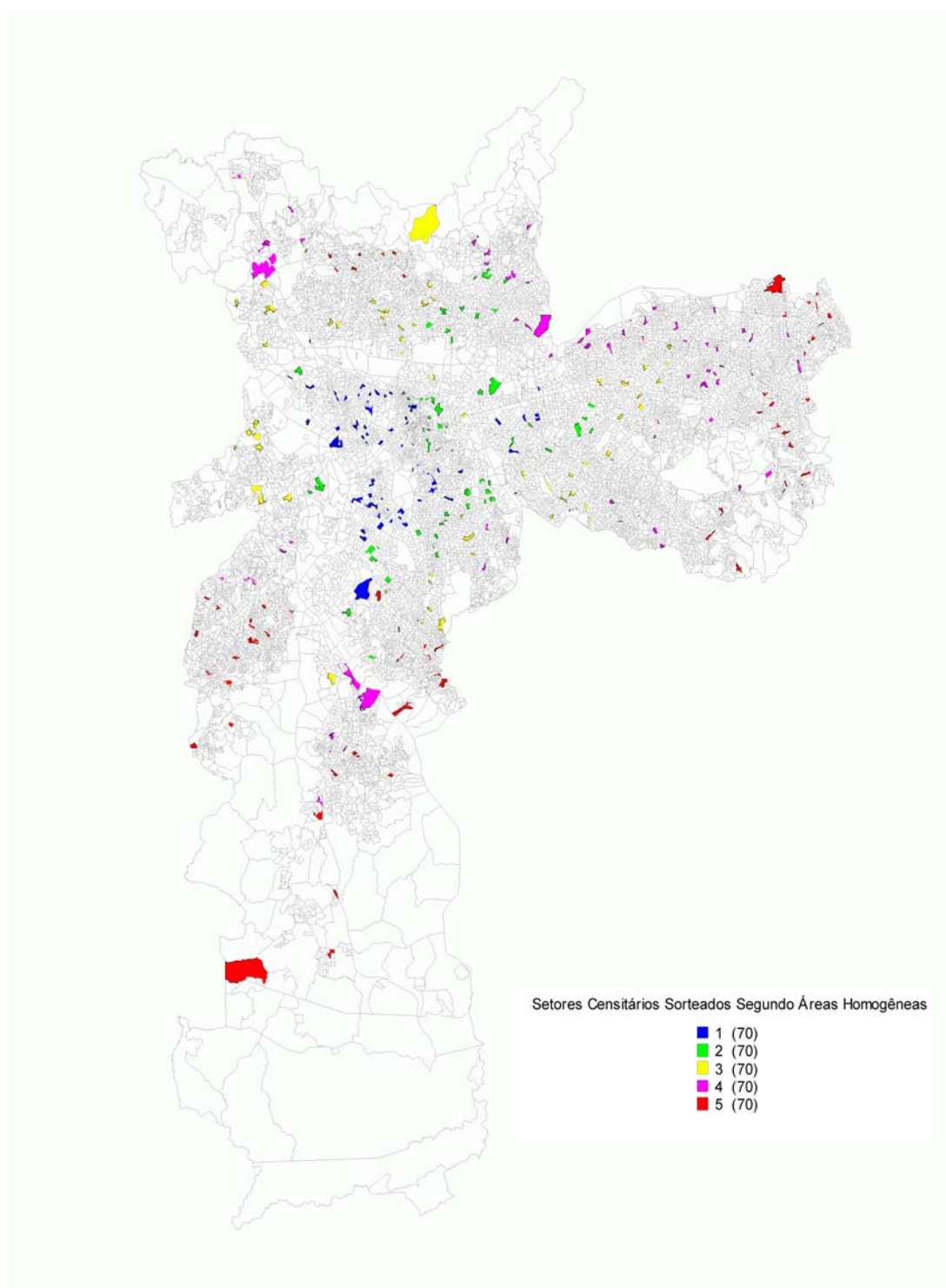
- Caracterização do jovem (idade, raça, sexo, local de moradia, naturalidade).
- Situação familiar (com quem mora, estado civil, se tem filhos).
- Escolaridade (atual ou último ano em curso, tipo de estabelecimento e horário).
- Inserção no mercado de trabalho (tipo de renda, em que setor trabalha, inserção no mercado formal).
- Atividades de lazer (tipo e local das principais atividades de lazer, gosto musical, uso de equipamentos públicos)
- Acesso à internet.
- Participação em grupos.
- Expectativas (de atividades e de equipamentos em seu bairro).
- Informações sobre Aids.



## Mapa 2

Setores Censitários Sorteados

Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



Foram aplicados 2.259 questionários nas cinco Zonas Homogêneas da cidade de São Paulo. A distribuição dos entrevistados por ZH pode ser vista na Tabela 2, a contribuição desigual das diferentes ZH na composição da amostra reflete a distribuição populacional, espelhando o peso de cada ZH no conjunto da população jovem paulistana.

### **Tabela 2**

Entrevistados por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>ZH</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
1	156	6,90
2	261	11,55
3	550	24,34
4	586	25,94
5	706	31,25

Após a aplicação dos questionários, estes foram checados e analisados quanto à consistência interna pelos coordenadores de campo. Foi criado um banco de dados, analisado com a utilização de software SPSS.

### **Caracterização dos jovens entrevistados**

A idade média dos jovens entrevistados é 18,65 anos, com mediana de 18 anos. No que diz respeito à distribuição dos entrevistados por sexo, o número de mulheres foi ligeiramente superior ao de homens (51%), seguindo a mesma tendência populacional evidenciada no Censo Demográfico de 2000.

Sem qualquer pretensão de traçar um quadro supostamente objetivo da cor ou composição “racial” dos jovens entrevistados, utilizou-se o método de auto-referência, no qual é o entrevistado que define sua cor, a partir de um conjunto de alternativas apresentadas, independentemente da percepção do entrevistador. Desse modo, apreende-se algo da imagem que cada indivíduo produz a respeito de si mesmo e de suas características físicas. Nesse sentido, a grande maioria dos entrevistados identificou-se como de cor “branca” (51,9%), superando a soma de todas as alternativas. O número de ocorrências da cor “parda” aparece em segundo lugar, com 28,6%, quase o dobro da quantidade de indivíduos que consideram sua cor “preta/negra” (14,8%). Por fim, aparecem aqueles que dizem ser de cor “indígena” e “amarela”, com quase a mesma frequência, 2,3% e 2,1%, respectivamente.

### **Tabela 3**

Jovens por Cor Auto-referida  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

Cor Auto-referida	Jovens Entrevistados	
	Número	Percentual
Branca	1.173	51,9
Preta/Negra	335	14,8
Parda	647	28,6
Amarela	48	2,1
Indígena	52	2,3
Ignorada	4	0,2

Nota-se nas ZHs (Tabela 4) o aumento significativo do percentual de entrevistados que se classificam como “pretos/negros” e “pardos”, em direção às zonas de maior exclusão. Com efeito, se no município 14,8% dos jovens se classificam como “pretos/negros”, na ZH 5, esse número aumenta para 18%, diminuindo para 3,8% na ZH 1. Por sua vez, o contingente de jovens que se consideram “brancos” é de 51,9% na cidade, sendo de 37% na ZH 5 e de 85,9% na ZH 1.

#### **Tabela 4**

Jovens por Cor Auto-referida por Zonas Homogêneas  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

Cor	Jovens entrevistados (%)					
	Município	ZH 1	ZH 2	ZH 3	ZH 4	ZH 5
Branca	51,9	85,9	69,3	54,2	51,0	37,0
Preta/Negra	14,8	3,8	9,2	16,9	14,5	18,0
Parda	28,6	7,7	16,9	24,2	31,6	38,7
Amarela	2,1	2,6	3,1	2,0	1,5	2,3
Indígena	2,3	-	1,5	2,4	1,4	3,8

Quanto à naturalidade observa-se que a grande maioria dos jovens (74,9%) nasceu em São Paulo. Dos que não nasceram, 66,5% moram na cidade há mais de cinco anos. O tempo médio de residência em São Paulo entre os não nascidos na cidade é 11,2 anos, percentual bastante alto tendo em vista a idade média dos entrevistados.

### **Inclusão e exclusão dos jovens paulistanos: escola, trabalho e mundo digital**

Não é possível falar sobre o jovem paulistano sem mencionar suas condições de vida, suas oportunidades presentes e futuras e os sonhos possíveis nesta grande metrópole. Trata-se de pensar na própria viabilidade de ser jovem, dividindo-se entre a necessidade de estudar e de trabalhar, de acompanhar a velocidade das informações virtuais e ser um excluído digital, de querer lazer e não ter acesso a ele.

Não é possível referir-se aos jovens paulistanos sem analisar alguns dos aspectos responsáveis pela sua condição de inclusão ou exclusão, na

medida em que essas condições caminham juntas, contraditórias, mas complementares, permitindo aos jovens a busca de oportunidades ou tirando deles a possibilidade de sonhar. Compondo a heterogeneidade do conjunto desta grande metrópole, a análise da situação de inclusão ou de exclusão dos jovens permite o olhar mais atento para políticas públicas necessárias e urgentes, segundo condições específicas do que é ser jovem na cidade de São Paulo.

A fim de possibilitar uma visão, mesmo que parcial, sobre o processo de inclusão e exclusão, a análise privilegiou três aspectos: escolaridade e acesso à educação, inserção no mercado de trabalho e acesso a internet ou inclusão digital.

Embora as condições de inclusão ou de exclusão não possam ser consideradas de um ponto de vista meramente quantitativo ou da simples constatação do acesso a um bem ou serviço<sup>3</sup>, sua análise indica outros aspectos importantes para a reflexão dessas condições, de uma perspectiva ampla sobre a inserção sócio-cultural dos jovens na cidade.

Do total de jovens entrevistados, 63% estudam. Quando analisada sua distribuição nas Zonas Homogêneas, observa-se que o maior percentual de jovens estudando é encontrado na ZH/1 (84%), decrescendo em direção à ZH/5 (57,1%), afirmando a situação de exclusão nessa zona (Tabela 5).

### **Tabela 5**

Percentual de Estudantes por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Distribuição percentual dos jovens que estudam</b>					
	<b>ZH 1</b>	<b>ZH 2</b>	<b>ZH 3</b>	<b>ZH 4</b>	<b>ZH 5</b>	<b>Município</b>
Sim	84	69	64,5	60,6	57,1	63
Não	16	31	35,5	39,4	42,9	37

Com relação ao período em que freqüentam a escola, a maioria dos jovens entrevistados estuda de manhã (45,1%) e à noite (44,6%) (Tabela 6), em estabelecimentos públicos (74,9%) (Tabela 7). Comparando-se os sexos, a relação é inversa: enquanto a maioria das mulheres (46,9%) estuda no período da manhã, a maior parte dos homens (46,9%) estuda à noite (Tabela 8). Também na análise comparativa pelas distintas Zonas Homogêneas observa-se uma relação inversa, pois enquanto na ZH 1 59,5% dos jovens estudam no período da manhã, na ZH 5 52,9% estudam a noite (Tabela 9). Ressalta-se que o percentual de jovens que estudam à noite aumenta proporcionalmente em direção às zonas de maior exclusão.

<sup>3</sup> POCHMANN, M. & AMORIM, R. (org.). *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 2003

**Tabela 6**

Período de Estudo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Matutino	642	45,1
Vespertino	145	10,2
Noturno	635	44,6
Integral	1	0,1
Ignorado	1	0,1
<b>Total</b>	<b>1424</b>	<b>100</b>

**Tabela 7**

Natureza do Estabelecimento de Ensino Frequentado  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Público	1.067	74,9
Privado	354	24,9
Cooperativa	3	0,2
<b>Total</b>	<b>1.424</b>	<b>100</b>

**Tabela 8**

Período de Estudo por Sexo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Masculino %</b>	<b>Feminino %</b>
Matutino	43,2	46,9
Vespertino	9,9	10,8
Noturno	46,9	42,3

**Tabela 9**

Período de Estudo por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>ZH 1 %</b>	<b>ZH 2 %</b>	<b>ZH 3 %</b>	<b>ZH 4 %</b>	<b>ZH 5 %</b>	<b>Total%</b>
Matutino	59,5	59,4	42,3	45,6	35,7	45,1
Vespertino	14,5	6,1	8,7	10,7	11,4	10,2
Noturno	24,4	34,4	49	43,4	52,9	44,6
Integral	0,8	–	–	0,3	–	0,1
Ignorado	0,8	–	–	–	–	0,1

Com relação à natureza das instituições de ensino, 87,1% dos jovens negros e 88% daqueles que são pardos estudam em estabelecimentos públicos (Tabela 10). Nas Zonas Homogêneas, essa situação em relação ao tipo de estabelecimento de ensino freqüentado pelos jovens é bem demarcada. Se na ZH 5 verifica-se que 90,6% dos jovens freqüentam escolas públicas, na ZH 1 são 63,4% os que freqüentam escolas privadas (Tabela 11).

**Tabela 10**

Natureza de Estabelecimento de Ensino Freqüentado por Cor Auto-referida  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003.

	<b>Público %</b>	<b>Privado %</b>	<b>Cooperativa %</b>
Branca	65,6	34,1	0,3
Parda	87,1	12,6	0,3
Preta/Negra	88	12	–
Indígena	84,8	15,2	–
Amarela	62,5	37,5	–
Ignorado	100		–
<b>Total</b>	<b>74,9</b>	<b>24,9</b>	<b>0,2</b>

**Tabela 11**

Natureza de estabelecimento de ensino freqüentado por Zonas Homogêneas  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003.

	<b>ZH 1 %</b>	<b>ZH 2 %</b>	<b>ZH 3 %</b>	<b>ZH 4 %</b>	<b>ZH 5 %</b>
Público	35,9	52,2	73	85,1	90,6
Privado	63,4	47,2	27	14,6	9,4
Cooperativa	0,8	0,6	–	0,3	–

Com relação à inserção no mercado de trabalho, 33,2% dos jovens trabalham; o maior percentual é encontrado na ZH 1 (43,6%), conforme a Tabela 12. O principal setor que emprega os jovens é o setor de serviços (44%), seguido do comércio (27,5%), situação que praticamente não se altera nas ZHs (Tabela 13). Somente na ZH 1 chama atenção o fato de que 51,5% dos que trabalham estão inseridos no setor de serviços. Dentre aqueles que trabalham, 52,2% não têm carteira de trabalho assinada (Tabela 14). Analisando esse dado pelas distintas ZHs, observa-se uma certa regularidade, indicando que a precarização do mercado de trabalho se faz presente no conjunto da cidade.

**Tabela 12**

Inserção no Mercado de Trabalho por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	ZH 1 %	ZH 2 %	ZH 3 %	ZH 4 %	ZH 5 %	Total %
Não	56,4	64,6	64,7	70,8	68,1	66,8
Sim	43,6	35,4	35,3	29,2	31,9	33,2
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

**Tabela 13**

Setor em que trabalha por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	ZH 1 %	ZH 2 %	ZH 3 %	ZH 4 %	ZH 5 %	Total %
Serviços	51,5	48,9	41,2	39,8	45,3	44,0
Comércio	19,1	20,7	28,4	31,0	29,3	27,5
Indústria	4,4	10,9	13,9	15,2	16,0	13,6
Outros	23,5	19,6	16,5	8,2	9,3	13,5
Ignorado	1,5	–	–	5,8	–	1,5
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

**Tabela 14**

Inserção no Mercado de Trabalho Formal por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	ZH 1 %	ZH 2 %	ZH 3 %	ZH 4 %	ZH 5 %	Total %
Sim	41,2	43,5	44,8	39,2	45,6	43,3
Não	51,5	51,1	53,6	52,6	51,3	52,2
Ignorado	7,3	5,4	1,5	8,2	3,1	4,5

Finalmente, um dado bastante interessante do ponto de vista da inserção sócio-econômica dos jovens refere-se à sua fonte de renda. Apenas 11,8% do total de jovens entrevistados se mantém somente com seus próprios recursos (Tabela 15). Destes, 43,8% são amarelos, 41,2% são pardos e 40,2% são pretos/negros, em contraposição a 29,7% dos jovens brancos na mesma situação (Tabela 16). No entanto, os jovens brancos são a maioria (62,4%) entre aqueles que têm renda mista, ou seja, dispõem de recursos próprios e recebem ajuda da família.

**Tabela 15**

Fonte de Renda  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Renda própria	266	11,8
Dependente	1.539	68,1
Renda própria e dependente	441	19,5
Não respondeu	13	0,6
<b>Total</b>	<b>2.259</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 16**

Fonte de Renda por Cor Auto-referida  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Fonte de renda</b>		
	<b>Renda própria %</b>	<b>Dependente %</b>	<b>Renda mista %</b>
Branca	29,7	7,4	62,4
Parda	41,2	4,9	53,9
Preta / Negra	40,2	2,5	57,4
Amarela	43,8	18,8	37,5
Indígena	20	13,3	66,7
Ignorado	66,7	–	33,3
<b>Total</b>	<b>34,9</b>	<b>6,2</b>	<b>58,6</b>

Outra dimensão da inclusão desses jovens que deve ser analisada é aquela referente à sua inserção no mundo digital, no processo de inclusão versus exclusão digital. Se essa questão é importante para o conjunto do país ela tem particular significado na metrópole paulista, pois é aqui que o peso da tecnologia da informação adquire maior magnitude, influenciando fortemente o mercado de trabalho.

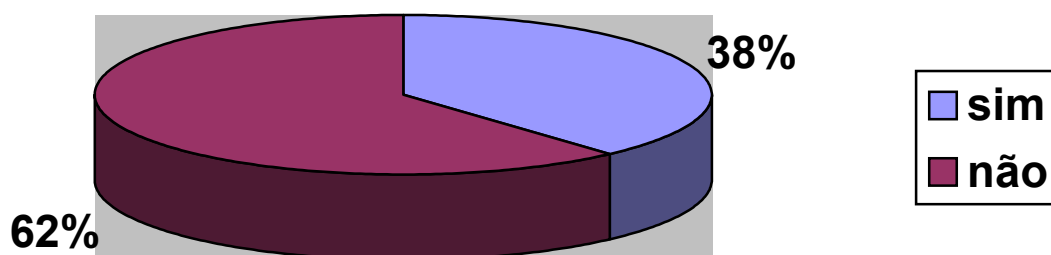
Apenas 38,2% dos jovens utilizam a internet (Gráfico 1). Mantendo a tendência encontrada nas análises sobre escolaridade, existe uma importante diferença no acesso à rede entre as distintas ZHs. Considerando a questão do acesso, ressalta-se o fato de que 72,4% dos jovens da ZH 1 acessa a internet, em contraposição a apenas 24,1% da ZH 5 (Gráfico 2).



### Gráfico 1

Uso da Internet

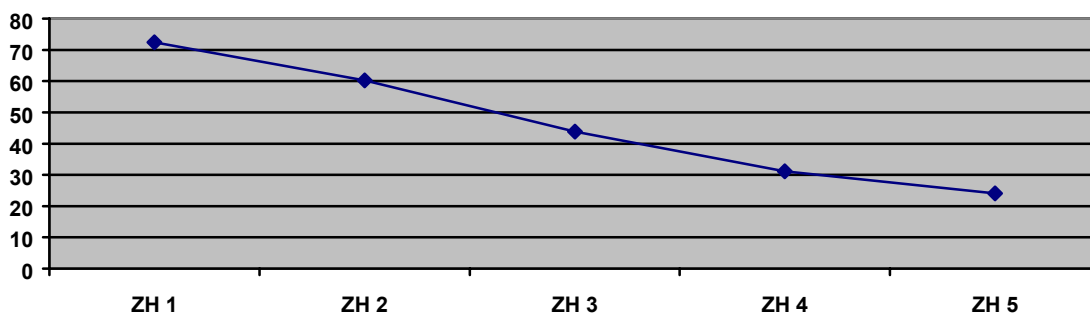
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



### Gráfico 2

Percentual de Utilização da Internet por Zona Homogênea

Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



A Tabela 17 apresenta o local de utilização da internet. Observa-se que a maioria, ou seja, 47,4% dos jovens realizam o acesso de sua própria residência, sendo que esses percentuais variam de 54,7%, na ZH 1, a 37,4%, na ZH 5. O uso prioritário em ambiente escolar chega aos 17,1% e a apenas 13,9% no trabalho. Chama atenção que apenas 2,8% do total de jovens entrevistados acessa a internet nos Telecentros. No entanto esse percentual é bastante superior nas ZHs 4 e 5, alcançando 6,1%. Esses dados podem indicar que, embora ainda embrionariamente, os Telecentros vêm alterando o perfil de acesso à rede mundial de computadores na periferia paulistana.

**Tabela 17**

Local de Acesso à Internet por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

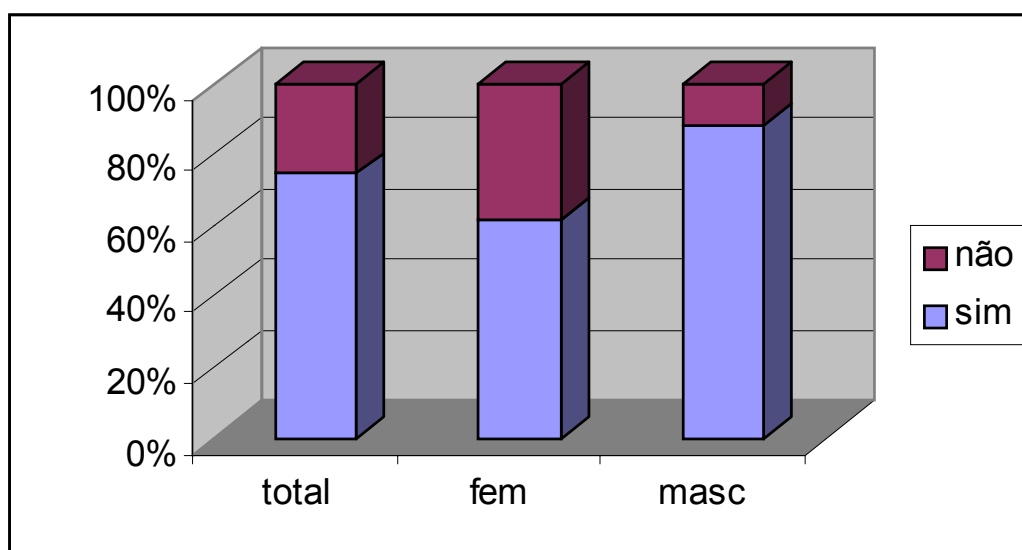
	ZH 1 %	ZH 2 %	ZH 3 %	ZH 4 %	ZH 5 %	Total %
Casa	54,6	56,4	46,3	44,5	37,4	47,4
Escola	23,5	16,2	15,6	17,0	15,0	17,1
Trabalho	8,7	12,3	16,0	17,9	13,1	13,9
Casa de amigo	4,9	4,9	10,4	7,8	9,3	7,8
Outro	3,8	5,9	5,9	6,4	13,6	7,1
Cyber café	3,8	2,9	3,9	1,8	3,3	3,2
Telecentro	0,5	0,5	2,0	4,6	6,1	2,8
Ignorado	-	1,0	-	-	2,3	0,6

### Atividades de lazer e inserção na metrópole

Quando interrogados sobre a realização de atividades de lazer, 25,3% dos jovens dizem não realizar nenhuma (Gráfico 3). Esse percentual pode ser considerado bastante alto, no que se refere à parcela da população em questão, embora a maioria dos jovens (74,7%) realize alguma atividade de lazer. Quando esse recorte é realizado por sexo, pode-se observar uma grande diferença, sendo que 38,19% das mulheres dizem não realizar atividades de lazer, em contrapartida a 12,37% dos homens.

**Gráfico 3**

Realização de Atividades de Lazer por Sexo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



A afirmação desses jovens de não realizar nenhuma atividade de lazer pode estar diretamente vinculada a uma concepção específica de lazer, que vincula a uma atividade necessariamente dispendiosa. Interrogados diretamente sobre determinadas atividades, a maioria dos jovens menciona a utilização de espaços ou equipamentos voltados ao lazer. As atividades gratuitas são, em geral, as mais mencionadas, como as esportivas – 46,3% – (Tabela 18). A utilização de equipamentos não pagos, como parques e praças (45,5%) e o SESC – 35,8% – (Tabela 20), também é preferencial. Essa situação mantém-se praticamente inalterada quando analisada da perspectiva do sexo (Tabela 20).

Mesmo nas diferentes Zonas Homogêneas, as atividades de lazer mais mencionadas são as esportivas, seguidas de festas, baladas e bares (Tabela 19). Essa situação permanece praticamente inalterada em relação ao sexo dos entrevistados. Ressalta-se que a realização de atividades esportivas é bem maior entre os homens (65,2%) do que entre as mulheres (25,9%), as quais se dividem entre outras atividades, como festas, atividades de lazer realizadas no domicílio (atividades domésticas) e passeios. A referência a cursos e atividades religiosas como atividades de lazer também é superior entre as mulheres (Tabela 18). Essa distribuição das atividades de lazer indica um perfil fortemente marcado pela questão de gênero.

### **Tabela 18**

Atividades de Lazer Realizadas por Sexo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Atividades de lazer</b>	<b>Sexo</b>		
	<b>Masculino %</b>	<b>Feminino %</b>	<b>Total %</b>
Esportivas	65,2	25,9	48,7
Festas/ Baladas e Bares	8,3	16,9	11,9
Doméstica	8,6	16,5	11,9
Passeio	4,5	13,5	8,2
Música/ Dança	4	10,5	6,7
Culturais	3	9,5	5,7
Jogos	4,6	1,5	3,3
Estudo/ Cursos	1,1	3,2	2
Religiosas	0,3	1,8	0,9
Outras	0,5	0,8	0,6
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

**Tabela 19**

Atividades de Lazer Realizadas por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	ZH 1 %	ZH 2 %	ZH 3 %	ZH 4 %	ZH 5 %	Total %
Esportivas	39,50	40,40	52,00	48,60	43,40	46,30
Festas/Baladas e Bares	16,20	20,20	12,50	11,70	12,90	13,50
Domésticas	10,50	9,00	9,00	12,10	14,50	11,60
Passeio	5,20	8,40	6,70	10,30	9,60	8,60
Música/Dança	8,10	6,50	6,00	7,90	6,60	6,80
Culturais	14,30	10,20	7,20	3,00	5,40	6,40
Jogos	1,90	2,50	3,30	3,20	3,30	3,10
Cursos/Estudos	1,90	1,90	2,00	1,50	2,20	1,90
Religiosas	–	0,30	0,90	0,70	1,60	0,90
Outras	2,40	0,60	0,40	1,00	0,50	0,90

**Tabela 20**

Equipamentos de Lazer Utilizados por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	Distribuição percentual por ZH					
	ZH 1	ZH 2	ZH 3	ZH 4	ZH 5	Total
	10,6	17	14,6	13,5	16,4	14,8
Parque/Praça	30,4	27,8	29,2	25,7	23,2	26,4
SESC	15,7	13,8	17,6	24,2	23,9	20,7
Biblioteca	16,4	18,9	13,9	17,9	18,4	17,1
Centro esportivo	9,6	11,3	15,5	10,4	9,2	11,3
Museu	9,9	6,7	4,4	4,5	2,3	4,4
Casa de cultura	7,5	4,4	4,2	2,7	4,9	4,3
Telecentro		0,2	0,6	1	1,8	1

Os dados apresentados na Tabela 21 demonstram que 25,9% do total de jovens utilizam o shopping como um local de encontro privilegiado. Além do shopping, também são citados os cinemas e os bares. É interessante notar

que o peso do shopping é menor na ZH 1 (20,3%), concomitante ao crescimento da frequência aos cinemas (19,5%), aos bares (18,2%) e às danceterias (14,6%) nessa mesma zona. Nas Zonas Homogêneas 3, 4 e 5, ao contrário, o shopping permanece como espaço mais utilizado, reforçando o aspecto já apontado. Nessas regiões, o shopping parece garantir uma possibilidade de lazer, mesmo que restrita. Na ZH 1, ao contrário, a concentração de cinemas, bares e danceterias é maior, competindo, assim, com o shopping nas alternativas de lazer para os jovens. O perfil de utilização do teatro como opção de lazer mantém essa mesma tendência, sendo utilizado preferencialmente por jovens da ZH 1.

Nesse sentido, o acesso ao lazer, ou melhor, aos espaços que possibilitam determinadas práticas de lazer parece estar estreitamente relacionado ao mapa de distribuição, bastante diferenciada, dos equipamentos de lazer na cidade e do circuito econômico dessas atividades.

### **Tabela 21**

Espaços de Lazer Utilizados por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Espaços utilizados</b>	<b>Distribuição percentual</b>					
	<b>ZH 1</b>	<b>ZH 2</b>	<b>ZH 3</b>	<b>ZH 4</b>	<b>ZH 5</b>	<b>Total</b>
Shopping	20,3	24,6	25,9	26,6	27,4	25,9
Cinema	19,5	21	16,6	15,5	15,7	16,8
Bares	18,2	15,7	13,9	11,5	10,8	13
Danceteria	14,6	12,4	12,4	11	9,6	11,4
Campeonato	4,2	7,6	9,1	10,4	11,3	9,5
Shows	5,9	7,8	9,1	8,3	9,4	8,6
Galeria	5,9	5,1	6	6,1	5,5	5,8
Nenhum	5,1	1,8	3,2	3	5,1	3,7
Teatro	4,7	2,5	2,5	2,5	2,1	2,6
Outros	1,7	1,5	1,3	5,0	3,0	2,8

Ao tratar de questões referentes ao lazer dos jovens, torna-se imprescindível a análise de suas preferências musicais. Os estilos musicais mencionados pelos jovens podem ser observados na Tabela 22, na qual se observa maior preferência pelo samba (49,6%), principalmente nas ZH 3 e ZH 4 (Tabela 23). Embora na ZH 5 o samba também tenha sido citado, por 49,7% dos entrevistados, nessa zona outros estilos dividem a preferência dos jovens, como o pagode e o axé. Na ZH 5 ainda se observa uma escolha equilibrada entre aqueles que preferem o rock (42,4%) e o rap (42,9%). Na ZH 1, a maioria dos jovens prefere o rock (63,5%), seguido da MPB (44,2%).

Outro aspecto bastante interessante apresentado na Tabela 23 refere-se a dois estilos musicais, em geral vinculados aos jovens: o funk e o tecno. Analisados em função da distribuição da preferência dos jovens nas Zonas Homogêneas, esses estilos musicais apresentam tendência inversa. No caso

do funk, a preferência é menor na ZH 1 (10,9%), aumentando gradativamente em direção à ZH 5 (27,6%), ao contrário da música tecno cuja preferência é bem maior na ZH 1 (35,9%), se comparada a ZH 5 (19,5%).

O aspecto acima apontado corrobora o fato de que determinadas práticas de lazer, incluindo-se as preferências musicais, estão relacionadas a questões sócio-econômicas, à oferta de serviços como bares e boates, em geral também vinculados a determinados estilos musicais e distribuídos desigualmente na cidade, a aspectos culturais, como parece evidente no caso da presença do funk na ZH 5, citada por 32,5% dos jovens negros, em contraste com 22,8% dos brancos.

**Tabela 22**

Estilos Musicais Preferidos por Sexo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Estilo Musical</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Samba	1.121	49,6
Rock	1.082	47,9
Pagode	1.031	45,6
Axé	983	43,5
Reggae	962	42,6
Rap	907	40,2
Forró	887	39,3
MPB	807	35,7
Pop	722	32,0
Funk	581	25,7

**Tabela 23**

Estilos Musicais Preferidos por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Estilo Musical</b>	<b>ZH 1 %</b>	<b>ZH 2 %</b>	<b>ZH 3 %</b>	<b>ZH 4 %</b>	<b>ZH 5 %</b>
Samba	30,1	31,8	57,5	55,3	49,7
Rock	63,5	51,7	52,5	44,4	42,4
Pagode	19,2	27,6	53,8	51,2	47,2
Axé	17,3	35,6	46,4	49,3	45,2
Reggae	35,9	33,3	50,2	45,4	39,2
Rap	21,2	23,0	46,4	43,7	42,9
Forró	23,1	31,0	47,8	42,2	36,8
MPB	44,2	31,4	42,4	37,5	28,8
Pop	37,2	32,2	35,5	31,9	28,0
Funk	10,9	13,4	30,5	28,3	27,6
Tecno	35,9	26,1	28,5	26,8	19,5

As atividades de lazer mencionadas pelos jovens são realizadas, na maioria das vezes, com amigos da vizinhança e do bairro (64,8%), seguidos de

longe pelos amigos da escola (8,2%), conforme pode ser visto na Tabela 24.

#### **Tabela 24**

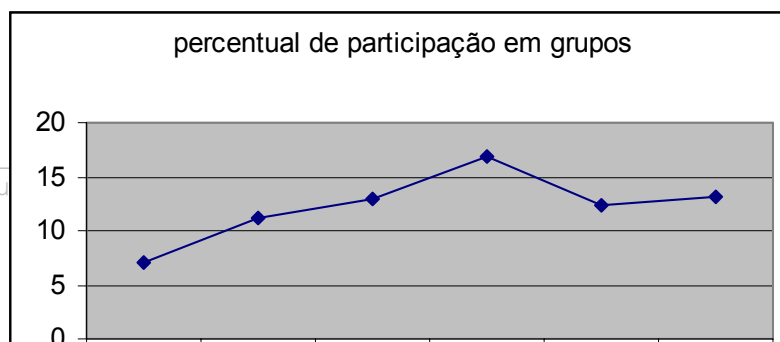
Local de Origem dos Amigos com quem Realiza Atividades de Lazer  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Masculino %</b>	<b>Feminino %</b>	<b>Total %</b>
Vizinhança	37,9	32	35,7
Bairro	36	28,7	33,2
Escola	16,5	24,5	19,5
Trabalho	3,7	5	4,2
Outros	2,3	6	3,7
Grupo/Turma	3,3	3,7	3,4
Internet	0,4	0,2	0,3
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

No entanto, os laços estabelecidos na vizinhança e no bairro para a realização dessas atividades não estão diretamente vinculados à possibilidade de os jovens se agruparem, na medida em que apenas 13,1% deles mencionaram participar de grupos (Gráfico 4). Isso pode indicar uma representação particular dos jovens sobre a noção de grupo, diferenciada da prática de simplesmente reunir-se com pessoas, amigos em geral, para realizar atividades de lazer. Embora não seja objetivo da pesquisa apreender essas representações, a diferenciação apontada pela análise dos dados indica um aspecto interessante a ser explorado para melhor compreensão da visão de mundo dos jovens paulistanos. Observa-se também que há uma grande variação entre as distintas zonas, sendo que a participação aumenta na direção da ZH 4 (16,9%) e ZH 5 (12,3%) contrastando com a ZH 1, onde o percentual referido é de apenas 7,1% (Gráfico 4).

#### **Gráfico 4**

Participação em Grupos por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



Um dos aspectos relevantes para a compreensão das formas de inserção dos jovens na cidade remete à compreensão de suas expectativas quanto aos equipamentos de lazer. Essa análise possibilita compreender a questão do acesso de uma outra perspectiva, ou seja, não apenas da oferta de bens e serviços, mas a partir das expectativas manifestadas pelos próprios jovens. Ao expressarem suas expectativas, os jovens entrevistados revelam aspectos do acesso relacionados à possibilidade de sua inserção na cidade, em especial nos seus locais de moradia.

A grande maioria dos jovens gostaria que houvesse um número maior de equipamentos esportivos (clubes, quadras, pistas de skate) em seus bairros, como fica evidente na Tabela 25, coerente, portanto, com a menção a atividades esportivas como principal atividade de lazer. A demanda por parques e praças também é importante, indicando sua distribuição insuficiente e desigual na cidade, na medida em que esse é um dos equipamentos mais freqüentados pelos jovens.

### **Tabela 25**

Equipamentos de Lazer Demandados  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Equipamento</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Clube ou ginásio esportivo	773	34,7
Parque ou praça	644	28,5
Quadra poliesportiva	470	20,8
Diversão noturna	248	11,0
Shows/Cinemas	220	9,7
Pista de skate	161	7,1
Centro/Casa de cultura	139	6,2

### **Situação familiar e Aids**

Os dados originados da pesquisa domiciliar salientam pontos interessantes para a avaliação da situação familiar do jovem paulistano. Nesse



sentido, questões relacionadas a moradia, estado civil e sexo dos entrevistados ajudam a definir um perfil dessa juventude e entender de que maneira esse período da vida vem sendo experimentado nas diferentes ZHs.

Considerando a faixa etária alvo da pesquisa, não surpreende o fato de que a grande maioria dos jovens (87,1%) resida com pais ou familiares. Desse total, apenas 9,8% constituíram família, reduzindo ainda mais esse percentual para os que vivem com amigos (1,9%) e os que moram sós (1,2%), como mostra a Tabela 26.

Deve-se considerar, porém, que São Paulo é uma cidade entrecortada por diversos níveis de exclusão e que tal situação acaba ganhando contornos próprios de acordo com a ZH pesquisada. Assim, ao analisar essa mesma informação por ZH, observa-se que a maioria dos jovens vivendo com os pais, em valores proporcionais, está na ZH 3 (91,1%) e um menor percentual na ZH 1, como também pode ser percebido na Tabela 26. Na ZH 1 observa-se um maior percentual de jovens que moram com amigos (9%) ou sozinhos (5,1%), ao contrário da tendência observada na ZH 5, respectivamente 1,1% e 0,8%.

### **Tabela 26**

Situação Familiar por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Município %</b>	<b>ZH 1 %</b>	<b>ZH 2 %</b>	<b>ZH 3 %</b>	<b>ZH 4 %</b>	<b>ZH 5 %</b>
Com pais / familiares	87,1	82,1	85,4	91,1	89,8	83,6
Núcleo familiar próprio	9,8	3,8	7,3	7,1	9,4	14,4
Com amigos	1,9	9	4,2	1,5	0,2	1,1
Sozinho	1,2	5,1	3,1	0,4	0,7	0,8
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Entre os jovens pesquisados que constituíram família (11% do total) o maior percentual é encontrado na ZH 5 (15%) e o menor, na ZH 1 (3,2%). Quando esse total é submetido ao recorte de gênero, percebe-se que a maioria dos jovens que constituíram família é do sexo feminino na ZH 5 – 8,4% dos rapazes para 19,4% das moças – e na ZH 1 – 2,2% dos rapazes para 6% das moças.

Ainda com relação ao estado civil, 88,5% do total dos entrevistados afirmaram ser solteiros, 11%, casados ou viver maritalmente e apenas 0,5% viúvos ou separados. O maior percentual de jovens solteiros foi observado na ZH 1 (96,8% dos entrevistados), enquanto que na ZH 5 o percentual é de 84,3%. Ressalta-se ainda que os únicos viúvos encontrados residiam na ZH 5 (Tabela 27).

Também é na ZH5 que se encontra o maior percentual de jovens casados (15%). O menor número de jovens vivendo em uniões conjugais foi encontrado na ZH 1, com apenas 3,2%. As diferenciações, relacionadas ao estado civil, de acordo com o sexo dos entrevistados e ZH de origem, estão colocadas de maneira evidente na Tabela 27.

**Tabela 27**

Estado Civil por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Estado Civil</b>	<b>ZH 1 %</b>	<b>ZH 2 %</b>	<b>ZH 3 %</b>	<b>ZH 4 %</b>	<b>ZH 5 %</b>	<b>Município %</b>
Solteiro	96,8	90,8	91,1	88,1	84,3	88,5
Casado/vive Maritalmente	3,2	9,2	8,5	11,3	15	11
Separado	-	-	0,2	0,7	0,4	0,4
Viúvo	-	-	-	-	0,3	0,1
Ignorado	-	-	0,2	-	-	0
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Embora nem sempre o número de jovens vivendo em uniões conjugais englobe o de jovens com filhos, o mesmo padrão da questão anterior se mantém para as ZH 1 e ZH 5. Assim, dos jovens entrevistados, 13,9% já tem filhos e o número médio de filhos é de 1,42. Nesse item existe uma imensa diferenciação tanto entre as distintas ZHs como por sexo, conforme a Tabela 28. Observa-se, mais uma vez, características marcantes nas ZHs situadas nos extremos, pois na ZH 1 97,4% dos jovens não têm filhos, em contraste com os 17,8% da ZH 5 que declararam ter filhos.

**Tabela 28**

Entrevistados com Filhos por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>ZH 1 %</b>	<b>ZH 2 %</b>	<b>ZH 3 %</b>	<b>ZH 4 %</b>	<b>ZH 5 %</b>	<b>Município %</b>
Não	97,4	89,3	87,6	84,5	82,2	86
Sim	2,6	10,7	12	15,5	17,8	13,9
Ignorado	-	-	0,4	-	-	0,1

Quanto às informações sobre Aids, os números encontrados apontam que a grande maioria dos jovens paulistanos acredita estar bem informada sobre prevenção de Aids e DSTs (89,9%). Do total da amostra, 10,1% não se sentem bem informados. Pode-se observar que os piores percentuais são encontrados nas Zonas Homogêneas 4 e 5, as quais apresentam percentuais de 11,8% e 12,7%, respectivamente (Tabela 30).

**Tabela 30**

Auto-avaliação sobre Informação sobre Aids por Zona Homogênea  
Mapa da Juventude São Paulo, 2003

	<b>ZH 1 %</b>	<b>ZH 2 %</b>	<b>ZH 3 %</b>	<b>ZH 4 %</b>	<b>ZH 5 %</b>	<b>Total %</b>
Sim	92,9	96,9	90,9	88,2	87,3	89,9
Não	7,1	3,1	9,1	11,8	12,7	10,1

Em síntese, o Inquérito Domiciliar foi capaz de revelar alguns dos distintos perfis de inserção na metrópole dos jovens paulistanos. As desigualdades ficaram evidentes tanto pelas Zonas Homogêneas quanto pelas diferenças observadas entre os gêneros e pela cor auto-referida. Desigualdades essas que marcam as possibilidades de construção do futuro e das expectativas destes jovens; desigualdades que cobram do Estado a execução de políticas públicas mais equânimes.

# O jovem em situação de exclusão social no município de São Paulo



Inicia-se agora a apresentação dos principais resultados obtidos no **Survey** do Programa Bolsa Trabalho. O Programa Bolsa Trabalho foi criado pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura Municipal de São Paulo – SDTS/PMSP – em 2001, sendo destinado a jovens desempregados com idade entre 16 e 20 anos pertencentes a famílias de baixa renda. Como forma de garantir a visibilidade desses jovens no Mapa da Juventude de São Paulo, foi realizado esse **Survey**, que alcançou 1.400 bolsistas.

## Metodologia do Survey do Bolsa Trabalho

Foram enviadas cartas para uma amostra aleatória de 10% dos bolsistas do programa. Cada correspondência era composta por uma carta explicando a pesquisa, um questionário auto-aplicável e um envelope selado; as respostas não eram identificadas. O questionário foi elaborado de tal forma que permitisse uma fácil compreensão quanto ao preenchimento por parte do bolsista, não necessitando da interferência de um entrevistador. Estavam contemplados os seguintes eixos temáticos:

- Caracterização do jovem (idade, cor auto-referida, sexo, bairro de moradia, naturalidade).
- Escolaridade (ano em curso e horário).
- Atividades de lazer (tipo e local das principais atividades de lazer, gosto musical, uso de equipamentos públicos).
- Participação em grupos.
- Expectativas (de atividades e de equipamentos em seu bairro).
- Informações sobre Aids.

## Caracterização dos pesquisados

A idade mediana dos pesquisados ficou em 18 anos, coerente coma faixa etária alvo do programa. O número de respostas proveniente de bolsistas do sexo masculino (51%) foi superior às provenientes de bolsistas do sexo feminino, invertendo a relação encontrada na Pesquisa Domiciliar.

Quanto à imagem e percepção que os pesquisados fazem a respeito de sua “cor”, a maioria se diz “parda” (39,4%), seguida por 37,1% que se consideram “brancos” (Tabela 31). Essa distribuição coincide com o resultado encontrado na pesquisa domiciliar relativo à ZH 5, a qual é composta pelos distritos onde vive a maioria dos beneficiários do Bolsa Trabalho.

### **Tabela 31**

Cor Auto-referida  
Bolsistas do Programa Bolsa Trabalho  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Cor</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
	520	37,1
Preta/Negra	231	16,5
Parda	551	39,4
Amarela	24	1,7
Indígena	27	1,9
Ignorado	47	3,4
<b>Total</b>	<b>1.400</b>	<b>100</b>

Por fim, cumpre assinalar que 22% dos bolsistas pesquisados não nasceram em São Paulo, o que coincide com os dados da pesquisa domiciliar, segundo a qual 74,9% dos entrevistados são naturais do município.

### **Atividades de lazer de jovens do Programa Bolsa Trabalho e sua inserção na cidade**

Os jovens do Programa Bolsa Trabalho, pesquisados no Mapa da Juventude, têm comparado aos entrevistados da Pesquisa Domiciliar a garantia de alguns aspectos relacionados à inclusão sócio-econômica proposta e viabilizada pelo próprio programa. Embora a situação de exclusão desses jovens seja evidente e foco de ação do programa, não é objetivo desta análise aprofundar aspectos relacionados à inclusão ou exclusão sócio-econômica dessa parcela de jovens. A análise aqui apresentada pretende apreender outras formas de inclusão, além da possibilidade de estudar, enfocando principalmente as formas de lazer e os mecanismos de inserção desses jovens nos locais de moradia e na cidade.

Ao serem interrogados sobre a prática de atividades de lazer, 34,9% dos bolsistas afirmaram não realizar nenhuma (Gráfico 5). Esse percentual pode ser considerado bastante alto, em especial quando se toma por referência o valor encontrado no inquérito domiciliar (25,3%), o que pode estar

relacionado ao fato de que a parcela de jovens atendidos pelo Programa Bolsa Trabalho pertence a um segmento da população no qual se verificam maiores condições

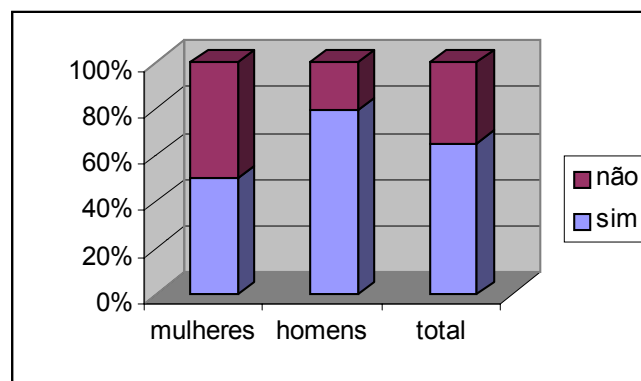
de exclusão. Deve-se considerar, também, que no inquérito domiciliar foram entrevistados jovens de diferentes perfis sócio-econômicos, o que parece influenciar o fato de realizarem ou não práticas de lazer. Portanto, o fato de esse percentual de jovens bolsistas não realizar nenhuma atividade de lazer pode estar diretamente relacionado à sua condição sócio-econômica, além de indicar uma percepção específica de lazer.

Uma análise da mesma questão por sexo indica uma diferença importante, na medida em que 50,3% das mulheres e 20,4% dos homens não realizam nenhuma atividade de lazer, conforme pode ser visualizado no Gráfico 5.

### Gráfico 5

Realização de Atividades de Lazer por Sexo

Bolsistas do programa bolsa trabalho Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



Quanto aos tipos de atividades realizadas, observa-se um predomínio importante das atividades esportivas (63,6%), seguidas por música e dança (9,7%) e passeios (9,5%). Também pelos jovens da pesquisa domiciliar, as atividades esportivas foram citadas como principal atividade de lazer (46,3%), o que pode corroborar a hipótese de que por se tratar de atividade não paga, em geral a prática de esportes torna-se uma possibilidade de lazer mais acessível aos jovens, mesmo em situações mais graves de exclusão. Quando se analisa o tipo de atividades por sexo, nota-se que as atividades esportivas têm um peso menor entre as mulheres (42,6%) do que entre os homens (76,5%). Observa-se, também, que as atividades de passeio (18,8%) superam a música e dança (12,3%) entre as mulheres. O mesmo não acontece na população masculina. As atividades culturais, as festas e os cursos/estudos também são mais realizados pelas mulheres (Tabela 32). É interessante notar que cursos e estudos são citados como atividades de lazer, o que pode indicar, também, uma percepção da noção de lazer como tempo livre e não

apenas como diversão. Esse tipo de atividade é realizado por 6% das mulheres, em contraposição a 1,7% dos homens.

**Tabela 32**

Atividades de Lazer Referidas por sexo  
Bolsistas do Programa Bolsa Trabalho  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Atividades</b>	<b>Masculino %</b>	<b>Feminino %</b>	<b>Total %</b>
Esportivas	76,5	42,6	63,6
Música/Dança	8,1	12,3	9,7
Passeio	3,8	18,8	9,5
Culturais	3,4	9,4	5,7
Cursos/Estudos	1,7	6	3,3
Domésticas	2,7	2,1	2,5
Festas/Baladas/Bares	0,2	4,4	1,8
Jogos	1,7	0,2	1,1
Atividades Associativas	0,7	1,7	1,1
Religiosas	0,2	1,2	0,6
Outras	0,9	1,3	1,1

Ainda com relação ao lazer, na análise dos equipamentos utilizados por esses jovens, observa-se que bibliotecas (24,7%), parques e praças (24,5%) e o SESC (19,5%) estão entre os mais citados (Tabela 33).

Finalmente, com relação aos espaços de lazer, o shopping é o mais citado (24,1%), seguido de cinema (15,6%), shows (11,6%) e campeonatos (11,3%) – Tabela 34, situação muito semelhante àquela encontrada junto aos jovens da pesquisa domiciliar, em especial com relação ao shopping e ao cinema. Embora os shoppings sejam citados como espaços de lazer mais freqüentados em ambos os grupos de entrevistados, na ZH 5 da pesquisa domiciliar, com características de maior exclusão, 27,4% dos jovens preferem o shopping, contrastando com os 20,3% da ZH 1, de maior inclusão. No entanto, é na ZH 1 que se concentra um percentual ligeiramente maior de jovens que freqüentam cinemas (19,5%), se comparado àqueles da ZH 5 (15,7%). Finalmente, se para os jovens da pesquisa domiciliar os bares aparecem como a terceira opção de lazer, sendo freqüentado por 18,2% dos jovens da ZH 1 e por 10,8% da ZH 5, o mesmo não ocorre com os jovens bolsistas, dos quais apenas 1,8% menciona bares como forma de lazer.

O percentual de jovens que mencionou o shopping como espaço preferido de lazer pode indicar que esse espaço se popularizou por não estar, de fato, vinculado necessariamente ao consumo, mas por apresentar-se como possibilidade, mesmo para os mais excluídos, de simplesmente praticar lazer,



saindo com amigos, olhando vitrines ou paquerando, entre outras coisas. Ao contrário, os percentuais verificados com relação aos cinemas e bares parecem indicar, em especial neste último, uma relação mais estreita com o consumo, o que pode explicar o alto percentual de jovens que freqüentam bares na ZH 1, ao contrário da ZH 5 e, de maneira mais evidente, dentre os jovens do Programa Bolsa Trabalho.

### **Tabela 33**

Equipamentos Utilizados  
Bolsistas do Programa Bolsa Trabalho  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Equipamentos utilizados</b>	<b>%</b>
Biblioteca	24,7
Parque/Praça	24,5
SESC	19,5
Centro esportivo	10,7
Nenhum	7,9
Telecentro	4,8
Casa/Centro de Cultura	4,8
Museu	3,1

### **Tabela 34**

Espaços de Lazer Utilizados  
Bolsistas do Programa Bolsa Trabalho  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Espaços de lazer</b>	<b>%</b>
Shopping	24,27
Cinema	15,6
Campeonatos	11,3
Shows	11,6
Danceteria	9,5
Bares	7,2
Galeria	3,5
Teatro	3,1
Outros	6,6
Nenhum	7,51

Destaca-se que, com relação ao sexo, o shopping também é mencionado como espaço mais freqüentado pelos entrevistados. No entanto,

a segunda preferência das mulheres é o cinema (17,4%) e a dos homens os campeonatos (16,3%), como pode ser verificado na Tabela 35.

### **Tabela 35**

Espaços de Lazer Utilizados por Sexo  
Bolsistas do Programa Bolsa Trabalho  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Espaço</b>	<b>Feminino %</b>	<b>Masculino %</b>	<b>Total %</b>
Shopping	27,0	21,5	24,1
Cinema	17,4	14,1	15,6
Bares	6,7	7,6	7,2
Danceteria	9,5	9,6	9,5
Campeonato	5,5	16,3	11,3
Shows	10,7	12,4	11,6
Galeria	2,5	4,4	3,5
Nenhum	10,1	5,2	7,5
Teatro	3,5	3,0	3,1
Outros	7,3	6,0	6,6
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

As atividades de lazer mencionadas pelos jovens são realizadas, em geral, com amigos (82%). Assim como foi observado quanto aos jovens da pesquisa domiciliar, as relações de amizade configuram uma rede social consolidada para a realização de práticas de lazer juvenis. Os laços estabelecidos em torno de práticas de lazer comuns reforçam a idéia de que os jovens, em geral, necessitam criar vínculos e compartilhar experiências em grupos da mesma faixa etária. Esse aspecto torna-se ainda mais evidente quando se verifica que esses amigos são do mesmo bairro (56,1%) ou da escola (29,3%) – Tabela 36.

Com relação aos jovens entrevistados na pesquisa domiciliar, a rede local de sociabilidade sobrepõe-se à amizade estabelecida nas escolas. Conforme anteriormente citado, ressalta-se, nesse caso, que, dos amigos com os quais são praticadas as atividades de lazer, 64,8% são do próprio bairro e apenas 8,2% da escola.

### **Tabela 36**

Local de Origem dos Amigos com quem Realiza Atividades de Lazer  
Bolsistas do Programa Bolsa Trabalho  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Local de origem dos amigos</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Bairro	708	56,10
Escola	370	29,32
Grupo	104	8,24
Trabalho	48	3,80
Internet	15	1,19
Outros	17	1,35

No entanto, os laços estabelecidos no bairro para a realização das atividades de lazer não estão relacionados à participação dos jovens em grupos específicos, como também é observado nos jovens entrevistados da pesquisa domiciliar.

No grupo de pesquisados do Programa Bolsa Trabalho, assim como nos da pesquisa domiciliar, um percentual muito pequeno (13,5%) mencionou participar de algum grupo, o que coloca em questão, mais uma vez, a noção de grupo estabelecida pelos jovens.

No geral, o perfil de lazer dos dois grupos pesquisados, dos jovens da pesquisa domiciliar e daqueles do Programa Bolsa Trabalho, não difere, sugerindo que as características semelhantes referem-se acima de tudo ao fato de tratar-se de jovens. Nesse sentido, são jovens cujas práticas de lazer estão relacionadas a atividades esportivas, festas, baladas, dança e passeios e à frequência de espaços específicos como shopping, cinema, bares e shows.

No entanto, algumas diferenças são notadas, em especial quanto aos equipamentos de lazer, pois embora parques e praças, o SESC e bibliotecas sejam os mais utilizados, os jovens do Programa Bolsa Trabalho utilizam mais bibliotecas e os da pesquisa domiciliar mais parques e praças, sugerindo formas diferenciadas de acesso a esses equipamentos e, também, concepções diversas de lazer.

Essas são apenas algumas características do modo específico como esses jovens viabilizam suas práticas de lazer, apesar de suas condições sócio-econômicas, as quais revelam alternativas de lazer possíveis e disponíveis e, nesse sentido, indicativas de alguns mecanismos de acesso ao lazer juvenil na cidade de São Paulo.

Finalmente, em ambos os grupos, uma qualificação do acesso ao lazer, mesmo que parcial, revela-se através de noções específicas de lazer e das redes de sociabilidade locais, as quais fundamentam algumas dessas práticas, mesmo que não acompanhadas de uma compreensão e de uma participação mais efetiva desses jovens em grupos.

# Grupos de jovens



Esta seção apresenta os principais resultados obtidos com o cadastramento dos grupos formados por jovens entre 15 e 24 anos no município de São Paulo. A análise dos dados fornecidos por esses grupos evidenciou uma imensa e complexa diversidade: grupos de todos os tipos, algumas vezes com características muito peculiares de pertencimento, outras vezes, basta simplesmente estar no pedaço para pertencer ao grupo. A riqueza dessas experiências é única, e praticamente cada grupo mereceria um estudo, mas o objetivo do presente Mapa não era esse, e sim identificar as principais características dessa forma de organização dos jovens.

Quantos jovens participam de grupos em São Paulo? Quais as principais motivações que levam os jovens a se organizar? Qual o grau de formalização desses grupos? Que atividades esses grupos realizam? Quais suas preocupações? Quais os circuitos utilizados por esses grupos? Essas foram algumas das perguntas que inspiraram esta etapa da construção do Mapa da Juventude de São Paulo.

Abordar os grupos não foi uma tarefa simples, em especial porque vários jovens se mostravam reticentes ou se recusar a dar informações para uma pesquisa institucional. Alguns chegaram, inclusive, a questionar se suas informações não poderiam ser utilizadas para a criação de novos tributos municipais. A partir dessas considerações, cabe uma questão: em que medida o número de grupos de jovens cadastrados pela presente pesquisa reflete a realidade da organização dos jovens paulistanos?

Como forma de responder à pergunta do parágrafo anterior volta-se aos dados obtidos no Inquérito Domiciliar. Do total de jovens entrevistados, 13,1% afirmaram participar de grupos. Se esse percentual for projetado para o conjunto da população entre 15 e 24 anos residente em São Paulo (um pouco mais de dois milhões de pessoas), estima-se que cerca de 272 mil jovens estariam participando de grupos no município.

Para esta primeira edição do Mapa da Juventude do Município de São Paulo, foram cadastrados 1.609 grupos, que agregam em sua totalidade o número de 303.592<sup>4</sup> participantes. Desses grupos, 52,1% são formados apenas por jovens, enquanto os outros 46,4% agregam prioritariamente, mas não exclusivamente, jovens. Os participantes dos grupos formados exclusivamente por jovens chegam a 92.234 componentes. Mesmo que se

---

<sup>4</sup> Outros 180 continham informações incompletas e não foram computados nas análises que são apresentadas.

leve em conta apenas os componentes de grupos exclusivamente jovens, esses dados indicam que uma parcela considerável do universo de grupos de jovens foi identificada pela pesquisa. Não obstante, é provável que numa próxima edição deste Mapa o rol de grupos cadastrados se amplie.

## **Cadastrando os grupos**

A metodologia utilizada para chegar aos grupos baseou-se num levantamento multifocal, tendo sido utilizadas basicamente as estratégias elencadas abaixo:

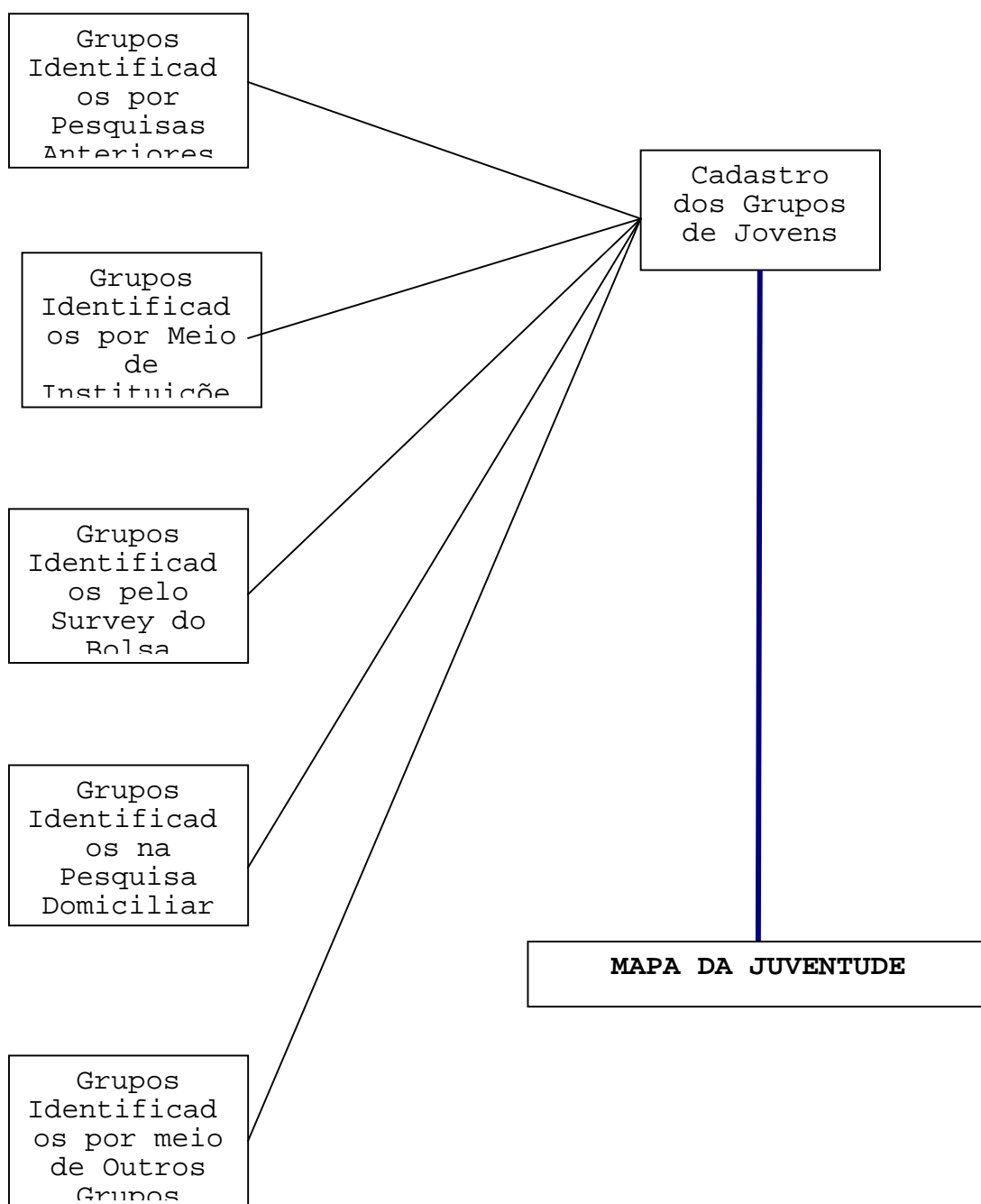
- Reconhecimento prévio de grupos através de levantamento bibliográfico.
- Reconhecimento prévio de grupos através de suas inserções institucionais.
- Identificação de grupos através da Pesquisa Domiciliar.
- Identificação de grupos através do **Survey** do Bolsa Trabalho.
- Identificação de grupos através de outros grupos.

O Quadro 1 apresenta a síntese da proposta metodológica usada para a identificação dos grupos

Foi, então, elaborado um instrumento para a realização do cadastro dos grupos que contemplava especialmente os seguintes eixos temáticos:

- Caracterização do grupo (nome, endereço da sede, permissão para divulgação das informações, local de encontro, abrangência, distribuição de gênero, número de componentes, tempo de existência).
- Caracterização do informante (nome, posição no grupo, endereço).
- Formação e práticas do grupo (motivo e modo como foi formado o grupo, atividades realizadas, formas de pertencimento ao grupo, caracterização do eixo principal).
- Atividades realizadas (frequência, quais são e como são realizadas).
- Informação sobre Aids.

## QUADRO 1 Levantamento Multifocal



Para classificar os grupos foi elaborada uma lista que agregava os principais eixos de motivação a formação deles, identificados a partir do levantamento bibliográfico prévio. São estes os principais eixos e suas características:

**1. Ação Social:** refere-se aos grupos cuja motivação são as ações de intervenção voltadas à comunidade, visando à melhoria das condições sócio-econômicas.

**2. Etnia:** refere-se aos grupos cujas motivações são a afirmação, a divulgação e/ou a preservação étnica.

**3. Portadores de necessidades especiais:** inclui todos os grupos cuja motivação está voltada à preservação de direitos, a atividades e a condições gerais dessa parcela da população.

**4. Lazer:** refere-se aos grupos orientados pela prática comum de lazer, como jogos (RPG, jogos de computador etc.), sair para dançar, passear, etc.

**5. Religião:** inclui todos os grupos que têm como principal motivação a questão religiosa, para sua divulgação ou disseminação, através das mais diferenciadas formas (coral, teatro, evangelização em geral etc.).

**6. Educação:** inclui todos os grupos orientados pela educação, em especial o ensino formal.

**7. Manifestações artísticas:** reúne todos os grupos orientados pelas atividades artísticas, nas quais incluem-se músicas dos mais variados estilos, dança, teatro e artes plásticas, inclusive o grafite e a pichação.

**8. Sexualidade:** inclui todos os grupos orientados pela questão da sexualidade, seja em termos da discussão do tema ou de sua afirmação através de práticas específicas.

**9. Esportes:** reúne todos os grupos orientados por práticas esportivas, inclusive o skate, e torcidas, organizadas ou não.

**10. Político/partidário:** refere-se aos grupos com orientação política, como os movimentos e as agremiações estudantis, e a outros grupos movidos por ideologia específica ou pela ação política; incluem os segmentos jovens dos partidos políticos.

## O que leva os jovens a se organizar?

Uma primeira pergunta a ser respondida é: quais são os motivos que levam os jovens a se organizar? Os grupos cadastrados evidenciaram uma grande multiplicidade, que pode ser visualizada na Tabela 37.

**Tabela 37**

Eixos dos Grupos Jovens  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Eixo</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Manifestações artísticas	576	35,8
Religião	232	14,4
Lazer	221	13,7
Ação social	203	12,6
Esportes	117	7,3
Político/Partidário	111	6,9
Educação	50	3,1
Etnia	34	2,1
Sexualidade	21	1,3
Portadores de necessidade especiais	12	0,7
Outro	32	1,9
<b>Total</b>	<b>1.609</b>	<b>100</b>

Dentre os grupos cadastrados, o eixo mais numeroso é o das manifestações artísticas (35,8%), o que se deve, sobretudo, à grande quantidade de conjuntos musicais cadastrados, como bandas de rock e grupos de samba, forró e rap. É interessante notar que, na Pesquisa Domiciliar, os estilos musicais mais citados pelos jovens foram o samba e o rock. Embora não seja possível estabelecer uma relação direta entre práticas de lazer e participação em grupos, como mencionado anteriormente, as preferências musicais dos jovens, comuns às atividades de lazer e à formação de determinados grupos, fazem parte de um conjunto de características que podem contribuir para a elaboração de um perfil do jovem paulistano.

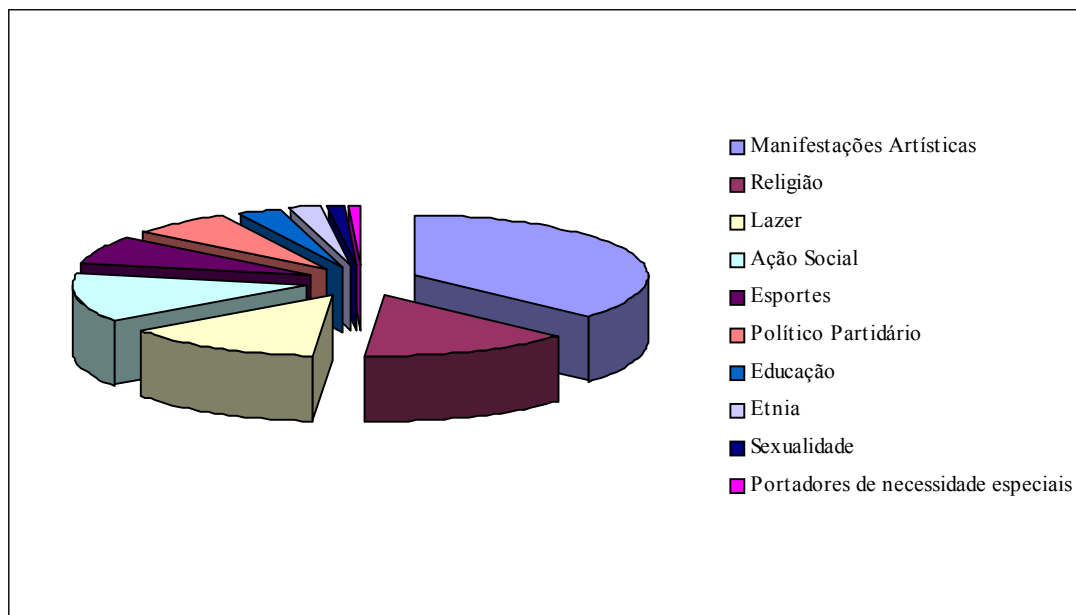
Em seguida, vêm os grupos que possuem orientação religiosa (14,4%), em sua maioria compostos por jovens de diferentes igrejas, e os de lazer (13,7%), nos quais se incluem os jovens que praticam jogos (RPG, jogos de computador etc.), freqüentam bares e danceterias ou simplesmente saem para passear. Juntos, esses três eixos respondem a mais da metade dos grupos cadastrados (63,9%). Como era previsto, o número de grupos organizados em torno de portadores de necessidades especiais é pequeno, no entanto, por sua importância social, em especial para a execução de políticas públicas equânimes, as particularidades desse eixo serão apresentadas sempre que for pertinente. A distribuição comparativa a de outros grupos é melhor visualizada no Gráfico 6.



## Gráfico 6

Grupos por eixo

Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



Cumprе assinalar, no entanto, que a distribuição dos grupos pelos eixos não reflete necessariamente sua relevância populacional, o que poderá ser verificado no desenvolvimento do relatório.

A riqueza da análise dos principais eixos dos grupos reside em apontar, dentre os grupos cadastrados, quais as suas principais atividades, ou seja, o que leva os jovens a se identificar como parte desses grupos. Trata-se, também, da possibilidade de apreender algumas noções de grupo, expressa, na maioria das vezes, por seus próprios integrantes ao revelarem as razões que os movem em direção ao grupo.

No eixo de ação social, 29,5% dos grupos realizam ações voltadas à comunidade local, mas 13% deles têm na música sua principal razão de formação e 9,5%, nas atividades culturais e de lazer. Especificamente a crítica, a reflexão e a discussão foram mencionadas por 11% dos grupos como sua motivação, e as atividades sociais, políticas e ambientais em geral, por 6% do total de grupos nesse eixo. Embora em menor percentual, chama a atenção o fato de 3% dos grupos terem mencionado o rap e o hip-hop como razões para sua existência, concomitante à sua classificação como grupos de ação social.

No eixo de etnia, embora a maioria dos grupos (67,6%) tivesse mencionado a afirmação, divulgação e ou preservação étnica como principal razão para sua existência, outros mencionaram a dança (8,8%) e as atividades culturais e de lazer (5,9%). Do total de grupos desse eixo, 8,8%

responderam que sua motivação deve-se à ação na comunidade local e 5,9% à crítica, reflexão e discussão.

No eixo de lazer, a música aparece como motivação para 10,4% dos grupos desse eixo, seguidos do skate (9,0%). No entanto, 7,5% mencionaram a crítica, reflexão e discussão e 4,5% a ação na comunidade local como razões para sua formação.

No caso da religião, também se destacam os grupos que mencionaram a música (7,0%) e a ação na comunidade local (9,6%).

No eixo das manifestações artísticas, o qual agrega a maior parte dos grupos cadastrados, 27,1% destes mencionaram a música como principal razão para sua formação, destacando-se no total de grupos aqueles que disseram ser o forró (7,0%) e o rap ou hip-hop (3,7%) sua motivação. A concentração de grupos nesse eixo, tendo como principal motivação a música, corrobora a afirmação inicial sobre a grande quantidade de bandas e grupos musicais cadastrados. No entanto, mesmo dentro desse eixo, 12% dos grupos associaram sua formação à crítica, reflexão e discussão e 4,9% à ação na comunidade local. As referências à música, a crítica, a reflexão e a discussão e a ação na comunidade local surgiram, também, nos grupos do eixo da sexualidade e do político/partidário.

Finalmente, o que se deve ressaltar é que todos os eixos, mesmo aqueles cujas razões parecem bastante específicas, como os da educação, da sexualidade, de esportes, político/partidário, da música, de ações na comunidade local e de crítica, reflexão e discussão, surgiram, mesmo com distribuições percentuais diferenciadas, como referências à existência dos grupos.

Como mencionado anteriormente, as razões pelas quais os grupos foram formados, em especial os de música e os de atividades sociais e políticas, parecem evidenciar duas noções de grupo, segundo seus próprios integrantes ou informantes responsáveis pelo seu cadastro. Portanto, quando esses jovens pensaram na possibilidade de sua participação em grupos, esses dois aspectos se destacaram, dentre tantos outros: as manifestações artísticas, em especial a música, e as atividades sociais e políticas, tanto aquelas de reflexão e de discussão como as que envolvem intervenções na realidade, mediante ações junto à comunidade.

Portanto, compreender a formação dos grupos de jovens implica apreender as razões para sua formação, ou os significados atribuídos pelos jovens a esse tipo de participação: enfim, apreender as noções de grupo elaboradas pelos próprios jovens.

## **Composição dos grupos**

A diversidade dos integrantes dos grupos pesquisados deve ser considerada nas suas especificidades. Dessa forma, a tabulação das respostas permitiu traçar um perfil mais bem acabado das características

dessas organizações. Serão apresentados dados referentes ao número de componentes, distribuição por sexo e se os grupos são formados exclusivamente ou não por jovens.

Os 1.609 grupos cadastrados agregam o impressionante número de 303.593 participantes. Ressalta-se a necessidade de cautela na análise do número de componentes dos grupos, pois se trata da composição geral, incluindo-se os grupos mistos, ou seja, aqueles formados por jovens, em sua maioria, mas não apenas. No entanto, merece atenção o aspecto diverso da distribuição de participantes, a qual varia muito de eixo para eixo, conforme pode ser visto na Tabela 38.

Os grupos artísticos e de lazer, embora bastante numerosos, respondem por uma parcela pequena do total de pessoas que participam dos grupos cadastrados (4,47% e 4,32%, respectivamente), o que indica tratar-se de grupos pequenos, com poucos componentes (Tabela 38). Os grupos esportivos, ao contrário, apesar de menos numerosos, representam mais da metade da população ligada aos grupos (56,42%), o que se deve principalmente às torcidas organizadas de futebol, cada qual com milhares de membros. Algo semelhante ocorre com os grupos políticos e partidários, muitos deles compostos por meios de partidos políticos com milhares de filiados. Por fim, destacam-se os grupos religiosos, que, além de muitos, respondem por boa parcela da população jovem participante de grupos (12%). Juntos, os grupos esportivos, políticos/partidários e religiosos somam 82,32% do total de componentes de grupos juvenis identificados.

### **Tabela 38**

Número de Componentes dos Grupos por Eixos  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Eixo</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Esportes	171.293	56,42
Político/Partidário	42.208	13,90
Religião	36.419	12,00
Ação Social	14.667	4,83
Manifestações Artísticas	13.577	4,47
Lazer	13.107	4,32
Educação	5.379	1,77
Etnia	4.589	1,51
Sexualidade	689	0,23
Portadores de necessidades especiais	375	0,12
Outro	1.279	0,43
<b>Total</b>	<b>303.582</b>	<b>100</b>

Dos grupos entrevistados, 52,1% têm entre seus freqüentadores apenas jovens entre 15 e 24 anos, enquanto os outros 46,4% agregam prioritariamente, mas não exclusivamente, jovens (Tabela 39).

**Tabela 39**

Composição Etária dos Grupos  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

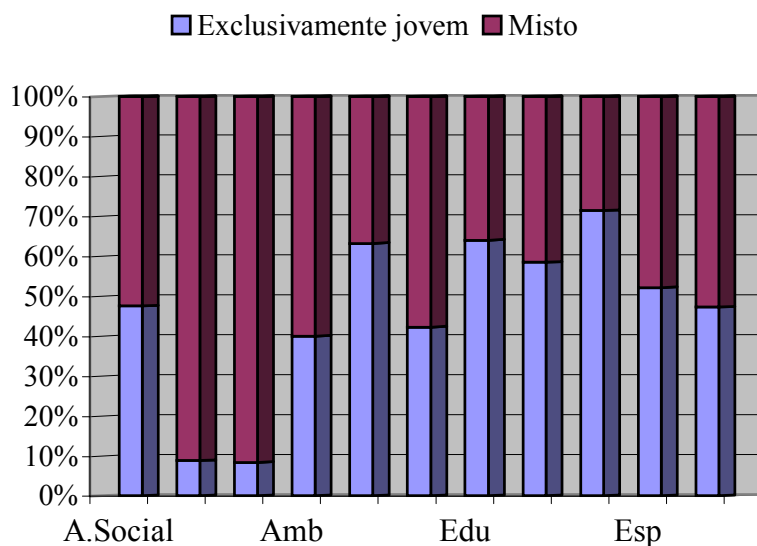
<b>Composição</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Exclusivamente jovem	839	52,1
Misto	746	46,4
Não responderam	24	1,5
<b>Total</b>	<b>1.609</b>	<b>100</b>

Quando se analisa a composição do grupo por eixo (Gráfico 7), pode-se observar que os grupos dos eixos sexualidade, educação, lazer e manifestações artísticas são formados, na grande maioria das vezes, exclusivamente por jovens, diferentemente do que ocorre nos grupos étnicos e de portadores de necessidades especiais.

De acordo com os dados resultantes da pesquisa de cadastro de grupos, conclui-se que há um visível predomínio da participação masculina nesse tipo de organização. Do total, apenas 21% deles são formados exclusiva ou majoritariamente por mulheres; o número de grupos que apresenta composição paritária atinge 23% do total (Tabela 40).

**Gráfico 7**

Grupos por Composição Etária  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



### **Tabela 40**

Grupos por Composição de Gênero  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Composição do grupo por sexo</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Fem.= Masc.	370	23
Masc.>Fem.	383	23,8
Fem.>Masc.	274	17
Só Masc.	500	31,1
Só Fem.	64	4
Não responderam	18	1,1
<b>Total</b>	<b>1.609</b>	<b>100</b>

### **Como funcionam os grupos**

Várias questões sobre o funcionamento dos grupos passaram a presente pesquisa: são os grupos efêmeros, quantas vezes se encontram, que atividades realizam, o que é necessário para pertencer a eles? Esta seção pretende apresentar algumas respostas iniciais a essas indagações.

Quanto ao tempo de formação, observou-se que 32,1% dos grupos estavam constituídos havia mais de 5 anos, enquanto 20% havia apenas um ano ou menos (Tabela 41). Como era de se esperar, entre os grupos de composição mista (aqueles em que há participação majoritária, mas não exclusiva, de jovens), 44,8% existem há mais de cinco anos, ao passo que 14,5% foram formados há um ano ou menos (Tabela 41). Isso pode indicar a tendência de alguns grupos formados por jovens se perpetuar.

No caso dos grupos constituídos exclusivamente por jovens, o percentual daqueles com mais de cinco anos de existência é menor (21%), mas, ainda assim, alto. Cabe ressaltar que os grupos mais antigos acabam tendo práticas mais institucionalizadas, o que os torna mais facilmente contatáveis.

### **Tabela 41**

Tempo de Existência do Grupo por Composição Etária  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Só de jovens</b>	<b>Misto</b>	<b>Total</b>
< 6 meses	13,5	7,3	10,5
6 meses -1 ano	11,7	7,2	9,5
1-2 anos	16,2	12	14,2
2-3 anos	17,2	11,4	14,7
3-4 anos	10,7	9,1	10
4-5 anos	9,7	8,2	9
> 5 anos	21	44,8	32,1
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Os maiores percentuais de grupos com mais de cinco anos de existência foram encontrados nos eixos político/partidário, etnia e religião, com 71,2%, 70,6% e 46,1%, respectivamente.

Quanto à periodicidade de encontro dos componentes dos grupos, nota-se que 86,1% costumam reunir-se com frequência igual ou superior à semanal, enquanto 12% encontram-se com frequência igual ou superior à quinzenal. (Tabela 42)

#### **Tabela 42**

Frequência de Encontro dos Grupos  
Mapa da Juventude do Município de São Paulo, 2003

<b>Frequência de encontro</b>	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Diariamente	216	13,4
2 a 3 dias por semana	377	23,4
Semanalmente	794	49,3
Quinzenalmente	93	5,8
Mensalmente	99	6,2
Não responderam	30	1,9
<b>Total</b>	<b>1.609</b>	<b>100</b>

Em consonância com a distribuição dos grupos por eixo, metade deles (50,2%) realiza alguma atividade artística, a maioria delas (32,3%) ligadas à música. Do total de grupos, 22,2% desempenham atividades de lazer diversas (como ir a festas, shows, passeios e jogos), 15,7% praticam algum esporte e 13,1%, alguma atividade educativa (cursos, oficinas e grupos de estudo). Há, ainda, um percentual relevante de grupos (9,3%) cujas práticas têm uma orientação religiosa. Por fim, 10,7% dos grupos dizem participar ou realizar eventos como encontros, reuniões, congressos e/ou palestras, ocasiões nas quais estabelecem contatos com outros grupos juvenis ou não.

Analisando separadamente as atividades dos grupos por eixo, percebe-se diferenças evidentes entre estes. Desse modo, enquanto os grupos esportivos restringem suas atividades ao máximo, concentrando-se apenas na prática de diferentes modalidades esportivas, os grupos de ação

social diversificam-nas ao máximo. Dentre eles, 8,4% realizam atividades artísticas, 15,3%, atividades beneficentes, 9,9% desenvolvem projetos sociais locais e comunitários e 35,9% dedicam-se a oficinas e cursos. Dos cursos e oficinas, a maioria (28,7%) tem temática artística, 21,9% são profissionalizantes, o que inclui informática e idiomas, 19,1% são de capacitação e formação, voltados a temas como cidadania, direitos humanos e meio ambiente, e apenas 5,4% são de acompanhamento ou reforço escolar.

Dos grupos pertencentes ao eixo de manifestações artísticas, a maioria (39,9%) realiza atividades artísticas não especificadas, 28,8% executam práticas musicais (composição, ensaio e/ou apresentação), seguidos de teatro

(7,8%), dança (5%), artes plásticas e grafite (3,5%). Apenas 0,3% dos grupos mencionaram práticas ligadas a cinema, vídeo e/ou fotografia.

Entre as atividades realizadas pelos grupos do eixo político/partidário, 41,4% realiza e/ou participa de eventos como encontros e congressos, 35,1% dedicam-se a alguma forma de ativismo ou militância (movimento ambiental ou estudantil, partido político etc.), 27,9% promovem divulgação e/ou produção de mídias (jornais e sites, por exemplo), e apenas 9,9% estão diretamente envolvidos em projetos sociais locais ou comunitários.

Além de se empenharem em atividades de caráter estritamente religioso (55,2%), os grupos do eixo religião dedicam-se a práticas como passeios e lazer em geral (30,8%), encontros e reuniões (24,6%), atividades beneficentes (12,9%) e atividades artísticas em geral (40,0%), sobretudo musicais.

Entre os grupos de afirmação e temática étnica, destacam-se também as atividades artísticas, sobretudo as danças étnicas, que representam 52,9% do total de atividades realizadas. Por fim, verifica-se que os grupos de lazer distribuem-se basicamente entre atividades como passeios, shows, jogos (30,8%) e práticas esportivas (22,6%), assinalando a profunda correlação entre esporte e lazer para os jovens em geral.

Quanto às formas de pertencimento aos grupos, essas variam de acordo com o eixo ao qual estão vinculados. Numa análise preliminar é possível observar que os grupos são bastante abertos. Em geral, independentemente do eixo, basta ter algum interesse ou afinidade para pertencer aos grupos (49,5%), embora haja algumas restrições vinculadas a formas de seleção, como entrevistas, inscrição ou experiência anterior (7,5%). Há, porém, grupos fechados (9,1%), os quais não aceitam novos integrantes.

Essa especificidade também se verifica em grupos mais restritos, como aqueles vinculados aos portadores de necessidades especiais. Para participar desses grupos, 33,3% deles estabelecem como critério ser portador de necessidades especiais, e para o mesmo percentual não há formas de pertencimento, pois tratam-se de grupos fechados.

Os grupos do eixo de ação social também são abertos, mas estabelecem alguns critérios de seleção claramente vinculados ao eixo. Para 16,3% dos grupos desse eixo, um dos critérios para pertencer ao grupo é ser morador do local ou pertencer à comunidade; para outros 13,9%, os critérios são sócio-econômicos, como renda familiar, ou de gênero ou faixa etária.

Finalmente, as formas de pertencimento aos grupos expressam o que, de fato, é importante para os jovens se agruparem. Como apontado pela análise, a noção de pertencimento está associada às noções de afinidade e de interesse, o que de certa forma justifica os critérios de seleção e mesmo de restrição à participação de novos integrantes. Para fazer parte de um grupo, basta manifestar tal afinidade ou interesse; os grupos são abertos, desde que suas motivações sejam compartilhadas.



## Redes de Sociabilidade

Se a análise sobre as formas de pertencimento dos jovens aos grupos evidenciou a necessidade de afinidade e de interesses comuns, compartilhados, é através de uma possível rede<sup>5</sup> de sociabilidade que essa identificação aparece de forma mais clara.

Na análise da abrangência dos grupos verifica-se que 34,9% são formados por jovens do bairro e 23,6% da mesma zona (Tabela 43). Assim como nas práticas de lazer, repete-se com relação aos grupos a tendência já mencionada dos jovens se reunirem com amigos do bairro e da vizinhança.

### Tabela 43

Grupos por Região de Abrangência  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

Abrangência	Número	Percentual
Bairro	561	34,9
Zona	379	23,6
Município	317	19,7
Região metropolitana	333	20,7
Não responderam	19	1,2
<b>Total</b>	<b>1.609</b>	<b>100</b>

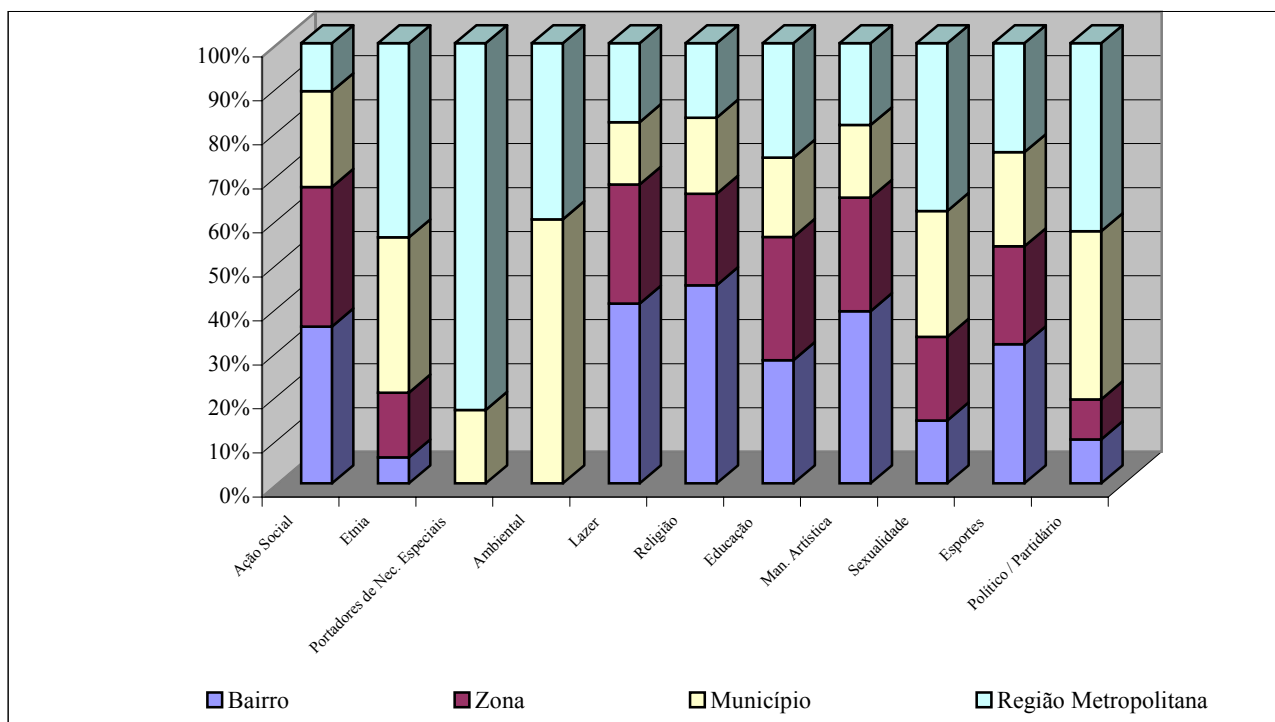
No entanto, ocorre com relação aos grupos uma ampliação de sua área de abrangência, em função de aspectos específicos de cada eixo. Assim, os grupos étnicos e políticos/partidários são mais abrangentes, ampliando sua composição na região metropolitana (naqueles, em 44,1% e nestes, em 42,7%) e no município (naqueles, em 35,3% e nestes, em 38,2%), raramente remetendo ao espaço do bairro (naqueles, em 5,9% e nestes, em 10%), ao contrário dos grupos de lazer, os de manifestações artísticas e os religiosos, os quais se apropriam do bairro como espaço prioritário (os primeiros em 40,8%, os próximos em 39,1% e os últimos em 45%). Nos grupos de portadores de necessidades especiais e ambientais não foi observada nenhuma referência a abrangências locais, e todos os grupos remetiam para as abrangências municipais ou metropolitanas. O Gráfico 8 apresenta a distribuição dos distintos grupos por locais de abrangência.

---

<sup>5</sup> Utiliza-se aqui a noção de rede como estrutura aberta, com potencial ilimitado de expansão, a qual integra elementos que se comunicam ou que compartilham os mesmos códigos, segundo Castells (CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999).

## Gráfico 8

Grupos por Região de Abrangência e Eixo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003



Quando a região de moradia dos integrantes é analisada a partir da perspectiva de gênero, percebe-se que, entre os 561 grupos constituídos por pessoas do mesmo bairro, a maioria deles é composta exclusivamente por homens (44,8%). Para aqueles grupos formados exclusivamente por mulheres a taxa é de 35,9%. No entanto, 31,4% desses são constituídos igualmente por homens e mulheres ou mais por mulheres do que por homens do mesmo bairro.

Quando se trata de integrantes da mesma zona, a vantagem anterior se inverte e vemos que os grupos exclusivamente compostos por mulheres ganham maior destaque, com 29,7% do total, em detrimento daqueles exclusivamente masculinos (23,6%). É interessante notar que a relação entre homens e mulheres se diferencia nos grupos, de acordo com a ampliação de sua abrangência. Assim, enquanto 25,9% dos grupos com integrantes da mesma zona são formados mais por mulheres do que por homens, naqueles cujos integrantes pertencem ao município a relação se inverte, sendo 25,7% dos grupos formados mais por homens do que por mulheres. Para aqueles que congregam membros oriundos da região metropolitana, salientam-se os grupos em que o número de mulheres é igual ao de homens (27%) – Tabela 44.

**Tabela 44**

Grupos por Gênero e Abrangência  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Abrangência</b>	<b>Fem.=masc. %</b>	<b>&gt; masc. %</b>	<b>&gt; fem. %</b>	<b>Masc. %</b>	<b>Fem. %</b>
Bairro	31,4	29,1	31,4	44,8	35,9
Zona	22,4	22,8	25,9	23,6	29,7
Município	18,6	25,7	19,3	16,4	21,9
Região metropolitana	27,0	22,5	22,6	15,2	12,5
Ignorado	0,5	-	0,7	-	-
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

A maior parte dos grupos reúne-se a partir de laços estabelecidos com pessoas da própria vizinhança ou do bairro. Os grupos dos eixos de manifestações artísticas, religião e lazer são aqueles cujos componentes se apropriam do bairro como espaço prioritário, como já mencionado. Portanto, esse nível de abrangência dos grupos expressa uma sociabilidade local, que contribui para a consolidação de um certo tipo de grupo, coincidentemente o mais numeroso.

A inserção local dos grupos pode indicar outras características em termos da constituição de uma rede de sociabilidade mais ampla, através de parcerias e relações estabelecidas com outros grupos.

A Tabela 45 mostra que a grande maioria dos grupos (69,5%) desenvolve atividades com parceiros institucionais diversos, dentre os quais: organizações não-governamentais (ONGs), órgãos governamentais e empresas privadas. Os eixos dos grupos que mais realizam atividades com parceiros institucionais são os de ação social, portadores de necessidades especiais e de educação.

No entanto, quando considerada a composição dos grupos, dentre aqueles formados exclusivamente por jovens, 75,2% não realizam atividades com parceiros institucionais, enquanto entre os grupos mistos, 64,3% o fazem (Tabela 46).

**Tabela 45**

Realização de atividades com parceiros institucionais  
Mapa da Juventude do Município de São Paulo, 2003

	<b>Número</b>	<b>Percentual</b>
Sim	1.118	69,5
Não	471	29,3
Não responderam	20	1,2

<b>Total</b>	<b>1.609</b>	<b>100</b>
--------------	--------------	------------

**Tabela 46**

Realização de Atividades com Parceiros Institucionais por Composição Etária do grupo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	<b>Não %</b>	<b>Sim %</b>
Exclusivamente jovem	75,2	24,4
Misto	64,3	35,2
Sem classificação	29,2	16,7
<b>Total</b>	<b>69,5</b>	<b>29,3</b>

O percentual de grupos que realiza atividades com parceiros institucionais é maior no interior dos eixos de lazer (82,3%), manifestações artísticas (81,2%), sexualidade (81,0%), esportes (72,4%) e religião (69,3%) (Tabela 47). Nos eixos étnico, de ação social e de educação, a distribuição dos grupos com e sem parceiros institucionais é relativamente equilibrada.

**Tabela 47**

Realização de Atividades com Parceiros Institucionais por Eixo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

<b>Eixo</b>	<b>Atividades com parceiros institucionais</b>	
	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Lazer	82,3	17,7
Manifestações artísticas	81,2	18,8
Sexualidade	81,0	19,0
Esportes	72,4	27,6
Religião	69,3	30,7
Político/Partidário	58,6	41,4
Portadores de necessidades especiais	58,3	41,7
Etnia	50,0	50,0
Educação	46,2	53,1
Ação social	45,0	55,0

O percentual de grupos que realizam atividades com outros grupos (55,9%) é menor do que aquele observado com relação aos parceiros institucionais. No entanto, se analisados a partir de sua composição, é maior o número de grupos formados por jovens (52,9%) ou mistos (60,1%) que têm como parceiros outros grupos (Tabela 48).

A proporção entre grupos que realizam e não realizam atividades com outros grupos difere de um eixo para outro, havendo inclusive eixos nos quais

essa relação se inverte. Os grupos cuja grande maioria realiza atividades com outros grupos de jovens são aqueles do eixo político/partidário (84,7%), de etnia (70,6%) e de religião (68,0%), seguidos dos esportivos (62,1%). Por sua vez, é maior o percentual de grupos que não realizam atividades com nenhum outro grupo nos eixos de portadores de necessidades especiais (83,3%), de sexualidade (66,7%) e de manifestações artísticas (51,9%) – Tabela 49.

### Tabela 48

Realização de Atividades com outros Grupos por Composição Etária  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

	Realização de atividades com outros grupos		
	Não %	Sim %	Ignorado %
Exclusivamente jovem	46,6	52,9	0,5
Misto	39,1	60,1	0,8
Sem classificação	16,7	29,2	54,2
<b>Total</b>	<b>42,7</b>	<b>55,9</b>	<b>1,4</b>

### Tabela 49

Realização de Atividades com outros Grupos por Eixo  
Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

Eixo	Percentual	
	Realiza	Não realiza
Político/Partidário	84,7	15,3
Ambiental	80,0	20,0
Etnia	70,6	29,4
Religião	68,0	32,0
Esportes	62,1	37,9
Educação	58,3	41,7
Ação Social	55,9	44,1
Lazer	53,0	47,0
Manifestações artísticas	48,1	51,9
Sexualidade	33,3	66,7
Portadores de necessidade	16,7	83,3

A relação estabelecida pelos grupos com parceiros institucionais ou com outros grupos para realização de suas atividades pode indicar outro aspecto para a compreensão de seu perfil. Os grupos pertencentes aos eixos que realizam parcerias institucionais são os mesmos que realizam menos atividades com outros grupos, sugerindo um caráter mais institucional vinculado à própria noção de grupo. Somente nos grupos do eixo de religião essa relação encontra-se mais equilibrada.

Enfim, o quadro apresentado nas páginas anteriores mostrou uma juventude atuante, que se organiza, tentando construir seu futuro e melhorar as condições de sua comunidade. Uma juventude criativa, que agrega novas formas de fazer para melhorar essas condições. Enfim, jovens mudando a metrópole.

## Considerações finais



A pesquisa teve como principal objetivo identificar grupos de jovens na cidade de São Paulo, a partir do reconhecimento e da auto-definição da noção de grupo, pressupondo a reunião de jovens em torno de alguma atividade habitual. Nesse sentido, buscou-se estabelecer uma associação entre a noção de grupo e determinadas práticas, em especial aquelas de lazer.

Essa associação, porém, só poderá ser feita a partir dos dados, respeitando-se a realidade heterogênea que se apresentava. Não é possível falar dos jovens sem reconhecer suas diferenças, sejam elas específicas ao âmbito sócio-econômico, sejam outras que nos remetam ao plano da cultura juvenil.

A análise dos dados da pesquisa domiciliar evidenciou algumas questões fundamentais à compreensão do processo de exclusão, como cor, sexo, renda, escolaridade e trabalho, em especial quando analisadas nas distintas Zonas Homogêneas, com situações demarcadas de inclusão ou de exclusão. Como era de se esperar, na ZH 5, onde se concentram os piores indicadores sócio-econômicos, a situação de exclusão dos jovens ficou ainda mais evidente, em contraste com a ZH 1. A situação de exclusão foi ressaltada em termos de escolaridade, inserção no mercado de trabalho, constituição de família e mulheres jovens com filhos, entre outras. Da mesma forma, no inquérito realizado com jovens do Programa Bolsa Trabalho a situação encontrada, bastante semelhante àquela da ZH 5, a não ser no aspecto da escolaridade, reforçou sua relevância em função do público ao qual se destina.

Embora não fosse objetivo da pesquisa aprofundar-se em aspectos de exclusão ou inclusão dos jovens, limitando a análise às condições de acesso a bens e serviços, o perfil sócio-econômico encontrado nas diferentes Zonas Homogêneas possibilitou a compreensão da especificidade do universo juvenil, possíveis arranjos e mecanismos elaborados como estratégias de sobrevivência nas condições apontadas.

De acordo com estudos sobre o tema, o processo de exclusão se alterou nos últimos anos, dando lugar a uma nova exclusão social, caracterizada, entre outras condições, pela elevada escolaridade das pessoas, em especial dos jovens, associada à ausência de trabalho. Portanto, a compreensão de aspectos que levam à nova exclusão social e de processos que determinam simultaneamente a inclusão deveria privilegiar uma nova perspectiva: da inovação, da criatividade, da informação e do domínio tecnológico e da inclusão digital.

Uma das faces da nova exclusão está relacionada à exclusão digital, à restrição de acesso à internet e a todas as fontes de informação ali disponíveis. A análise revelou que os jovens entrevistados na Pesquisa Domiciliar têm

acesso limitado à internet, sendo que, do total, apenas 38,2% o têm, diminuindo para 24,1% na ZH 5, como já mencionado.

*"Para a pessoa incluída na rede, a navegação estimula a criatividade, permite realizar pesquisas sobre inúmeros temas, encontrar com maior velocidade o resultado de sua busca. Quem está desconectado desconhece o oceano informacional, ficando impossibilitado de encontrar uma informação básica, de descobrir novos temas, de despertar para novos interesses"*<sup>6</sup>.

Segundo o autor, os incluídos digitais têm maiores oportunidades do que aqueles que vivem o *apartheid* digital, ampliando as situações de exclusão social, na medida em que aqueles que não têm acesso à rede são impedidos de compartilhar os fluxos de informação.

Apesar dessas limitações, em geral, os jovens se consideram bem informados. No caso de um assunto polêmico como a Aids, 89,9% dos jovens declararam estar bem informados. No entanto, o nível de desinformação aumenta em direção às Zonas Homogêneas de maior exclusão, sugerindo que, na verdade, nem todos se sentem bem informados ou, ainda, que nem todos têm acesso a informação.

Diante desses processos contraditórios, mas simultâneos, de exclusão e de inclusão, os jovens revelam, através das entrevistas, estratégias próprias para lidar com essas situações. Esses processos passam, então, a ser analisados da perspectiva dos atores, de sua possibilidade de transformação da realidade e de afirmação da sobrevivência cotidiana.

Dois aspectos são privilegiados nessa análise: as práticas de lazer e a participação em grupos, ambas como estratégias que expressam mais profundamente o significado de ser jovem.

*"Partir do lazer e não do trabalho pode ainda parecer pouco ortodoxo e sujeito a reservas: o lazer está nos antípodas daquilo que se considera o lugar canônico da formação da consciência de classe, ocupa uma parte mínima do tempo do trabalhador e não apresenta implicações políticas explícitas. Atividade marginal, instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar enfim de algum prazer – mas talvez por isso mesmo possa oferecer um ângulo inesperado para a compreensão de sua visão de mundo: é lá que os trabalhadores podem falar e ouvir sua própria língua."*<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> SILVEIRA, Sérgio Amadeu. *Exclusão digital - A miséria na era da informação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 17.

<sup>7</sup> MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.22.



É o que, também, parece ocorrer com os jovens em suas práticas de lazer, realizadas, em geral, com amigos do bairro e da vizinhança, em busca de "prazer" ou por "pura diversão". Embora a análise tenha evidenciado restrições no acesso aos equipamentos e aos espaços de lazer disponíveis na cidade, em função de sua distribuição desigual, os jovens se movimentam, buscam esses espaços para se divertir e, de preferência, procuram fazê-lo gratuitamente.

Configuram-se, assim, arranjos, através dos quais os jovens passam a percorrer a cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, para simplesmente praticar as atividades de lazer, uma aspiração que se observa independentemente de suas condições sócio-econômicas, tanto nas Zonas Homogêneas de maior inclusão como nas mais excluídas. Portanto, a prática de atividades esportivas e a frequência a parques, praças e shoppings revelam um pouco do que há de comum em ser jovem na cidade de São Paulo, apesar das dificuldades e das limitações de acesso impostas através de formas de lazer ainda diferenciadas.

Se as práticas de lazer são realizadas com amigos do bairro e da vizinhança, expressando redes locais de sociabilidade, a participação dos jovens em grupos é incipiente. Como já ressaltado, antes de revelar algum aspecto contraditório, a realização de atividades de lazer independente da participação em grupos revela significados distintos das noções de lazer e de grupo.

O lazer, entendido como forma de prazer e de diversão, é realizado pela maioria dos jovens entrevistados, principalmente através dos laços de amizade e de vizinhança. Por outro lado, a participação em grupos sugere um vínculo mais formal, não necessariamente relacionado ao prazer e à diversão. Embora muitos dos grupos cadastrados estejam relacionados ao eixo de manifestações artísticas e, em especial, à música, o que em geral coincide com a principal motivação para sua formação, muitos jovens mencionam participar de grupos para refletir, criticar, discutir problemas sociais e políticos ou para atuar junto à comunidade local.

Essa forma específica de participação nos grupos revela que os jovens procuram realizar atividades de lazer, de maneira informal, com os amigos. Também, quando participam de grupos, têm como principal motivação seus gostos pelas manifestações artísticas, por estilos musicais diversos. No entanto, muitas vezes o que move seus interesses comuns e permite que compartilhem o fato de pertencer a um mesmo grupo é o aspecto social e político. Contrários à imagem de "jovens alienados", se organizam em grupos vinculados à ação social, à religião, à política, em geral e, também, aos partidos políticos. Esses grupos muitas vezes utilizam a música, como o rap e o hip-hop, para se expressar, protestar e divulgar seus ideais.

***"Assim como nos primórdios do samba, que se originou de uma cultura marginal ligada aos setores populares, ocorre na***

*atualidade o surgimento de um novo gênero musical que busca retratar, com fidelidade, dificuldades que a maioria da juventude pobre de periferia sofre no seu dia-a-dia. Ao cultivar o 'ritmo dos excluídos', os rappers tornam-se os porta-vozes ou cronistas das injustiças sociais e dão visibilidade a seus problemas (...) Esses jovens produzem crítica social em forma de música, acreditando que o papel combativo do rap deve voltar-se para a defesa de idéias de preferência radicais".*<sup>8</sup>

A associação entre manifestações artísticas e ação social ou crítica, reflexão e discussão política aparece como conjunção de motivações que expressam os interesses e as expectativas dos jovens. Talvez, nessa fórmula que associa diversão à participação social e política, os jovens revelem suas próprias estratégias de inserção e de inclusão social, na medida em que "*(...) optar pela inclusão é optar por um patamar comum de identidade e pertencimento social, sobrepujando as diferenças*"<sup>9</sup>.

Consolidando os laços sociais no bairro e na vizinhança, os jovens abrem novos canais de participação na sociedade e ampliam as redes de sociabilidade, ao estabelecerem parcerias institucionais e com outros grupos.

Daí a importância de se compreender a diversidade do universo juvenil: "*para saber com que discurso atingi-los, para descobrir o que os está movendo, o que os impele, na verdade, a se juntar a determinadas coisas e se afastar de outras*".<sup>10</sup>

Os resultados apresentados pela pesquisa desvendam parcialmente o perfil dos jovens paulistanos, mas indicam vários aspectos imprescindíveis à sua compreensão, os quais devem ser aprofundados e analisados da perspectiva das políticas públicas.

Realizar atividades esportivas, freqüentar festas, bares, parques, praças e shoppings, participar de grupos musicais (de samba, rock, forró, rap, hip-hop), andar de skate, entre outras tantas atividades, misturam-se às atividades religiosas, sociais e políticas.

Essa é a riqueza da diversidade expressa pelos jovens e pelos grupos abordados nesta pesquisa.

---

<sup>8</sup> CARMO, Paulo Sérgio, *op. cit.*, p.15.

<sup>9</sup> ZALUAR, Alba. "Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V. 12, n. 35. São Paulo, 1997, p. 2.

<sup>10</sup> HELOISA MARTINS, in: ABRAMO, Helena; FREITAS, Maria Virginia; SPOSITO, Marília (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 38.

# Equipes



## **Equipe da Coordenadoria Especial da Juventude**

Coordenação do projeto:

Alexandre Youssef

Michael Freitas Mohallem

Acompanhamento:

Daniela Carolina Perutti

Daniel Mello Ribeiro

Sofia Ferreira Santos Farah

## **Equipe de Pesquisa**

Coordenação Geral:

Profa. Dra. Aylene Bousquat

Profa. Dra. Amélia Cohn

Coordenação de campo:

Eunice Nakamura

Gabriel Barbosa

Ronaldo Trindade

Consultoria:

Prof. Dr. José Guilherme C. Magnani, antropólogo

Consultoria do plano amostral:

Prof. Dr. Paulo Frazão

Informática e Geoprocessamento:

Ademir Manerich

Auxiliares de pesquisa:

Edison Claudino Bicudo Junior

Caio de Andréa Gomes

Daniela do Amaral Alfonsi

Bruna Mantese de Souza

Thiago Carvalho Silva

**Informações:**

Coordenadoria Especial da Juventude

Prefeitura de São Paulo

Telefone: 3315-9077, ramal 2325

[www.prefeitura.sp.gov.br/juventude](http://www.prefeitura.sp.gov.br/juventude)

